

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**AUTOCONSCIÊNCIA COMO UMA VARIÁVEL DE PESQUISA:
TEORIA E MENSURAÇÃO**

DANIEL RODRIGUES ECHEVARRIA

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Psicologia.**

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**AUTOCONSCIÊNCIA COMO UMA VARIÁVEL DE PESQUISA:
TEORIA E MENSURAÇÃO**

DANIEL RODRIGUES ECHEVARRIA

ORIENTADOR: PROF. DR. THIAGO GOMES DE CASTRO

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração Psicologia Social

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**AUTOCONSCIÊNCIA COMO UMA VARIÁVEL DE PESQUISA:
TEORIA E MENSURAÇÃO**

DANIEL RODRIGUES ECHEVARRIA

COMISSÃO EXAMINADORA:

PROF. DR. ADOLFO PIZZINATO – PUCRS

PROF. DR. MARCO ANTÔNIO PEREIRA TEIXEIRA – UFRGS

PROF. DR. WILLIAM BARBOSA GOMES – UFRGS

**Porto Alegre
Dezembro, 2015**

Dados de Catalogação na Publicação

E18a Echevarria, Daniel Rodrigues
Autoconsciência como uma variável de pesquisa:
teoria e mensuração / Daniel Rodrigues Echevarria.
Porto Alegre, 2015.
72 f. : il.; tab.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Gomes de Castro.

1. PSICOLOGIA SOCIAL. 2. AUTOCONSCIÊNCIA
SITUACIONAL. 3. MODELOS DE AUTOCONSCIÊNCIA.
4. ESCALAS DE AUTOCONSCIÊNCIA DISPOSICIONAL.
5. AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA. 6. EVIDÊNCIAS DE
VALIDADE. I. Castro, Thiago Gomes de. II. Título.

CDD 150

Bibliotecária Responsável

Isabel Merlo Creso
CRB 10/1201

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha esposa, Eugênia, pelo carinho, apoio e sacrifícios que foram condição *sine qua non* para a concretização deste projeto de mestrado. Aos meus pais, Flávio e Tânia, por terem investido e cultivado minha curiosidade, senso crítico, amor pelo conhecimento, ética e pelo contato perene com a educação, a pesquisa e a academia. A todos os meus professores pretéritos e presentes pela minha formação intelectual e à Universidade Federal da Campanha, minha *alma mater*.

Em segundo lugar ao meu orientador, Thiago, pela postura constantemente didática, pela autonomia conferida, pela compreensão de minha situação pessoal e familiar e os limites que impuseram ao desenvolvimento dos trabalhos e, sobretudo, pelo clima amigável e descontraído no laboratório e paixão inspiradora pela ciência.

Agradeço aos docentes e pesquisadores da área, Marco, William e Adolfo, que despenderam seu precioso tempo para enriquecer meu trabalho com suas críticas, *insights* e sugestões ao participarem da qualificação do meu projeto e da minha banca de dissertação.

Agradeço à Universidade Federal do Pampa, à CAPES e à PUCRS que possibilitaram a realização do mestrado. Em especial Amanda, Amélia e Vanessa sem as quais minha maior dedicação à pós-graduação não teria sido possível.

Sobretudo agradeço ao meu filho, Augusto, que me concedeu momentos de alegria que me sustentaram mesmo nos momentos mais estressantes desses últimos dois anos.

RESUMO

Nessa dissertação uma revisão dos instrumentos e teorias de autoconsciência são utilizados para refletir sobre o papel de diversas formas de acesso ao fenômeno e como diferentes níveis de evidência podem auxiliar numa compreensão articulada da autoconsciência. Uma tentativa foi feita de contribuir para as ferramentas disponíveis para a investigação nesse campo através da adaptação de uma escala de autorrelato de autoconsciência situacional. O Artigo 1 consiste em um estudo temático da literatura de autoconsciência, desde filósofos clássicos e analíticos e autores do início da ciência psicológica, ao desinteresse histórico pelo campo em decorrência da ascensão do comportamentalismo, e o renovado interesse na mensuração e manipulação experimental da autoconsciência nos anos 1970 e em diante, ao reaparecimento de modelos de autoconsciência de múltiplos níveis nos últimos 15 anos. O Artigo 2 consiste na tradução e adaptação da *Situational Self-Awareness Scale* para adultos brasileiros, examinando as evidências de validade através de análise fatorial exploratória, exame de validade concorrente com escalas de autoconsciência disposicionais e fidedignidade teste-reteste. Maiores estudos exploratórios e piloto são relatados como notas de campo.

Palavras-Chaves: autoconsciência situacional, modelos de autoconsciência, escalas de autoconsciência disposicional, avaliação psicológica, evidências de validade.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.01.00-8 - Fundamentos e Medidas da Psicologia

SELF-AWARENESS AS A RESEARCH VARIABLE: THEORY AND MEASUREMENT

ABSTRACT

In this thesis a review of the self-awareness theories and instruments is used to reflect on the role of various forms of access to the phenomenon and how different levels of evidence may help build an articulated understanding of self-awareness. An attempt is made to contribute to the toolset available for investigation in the field through the adaptation of a self-awareness self-report scale. Article 1 consists of a thematic study of the self-awareness literature, from classical and analytical philosophers and early authors in psychology, to the historic disinterest in the field following the ascension of behaviorism, and the renewed interest in experimental manipulation and measurement of self-awareness in the 1970s and on, to the reappearance of multi-level models of self-awareness in the last 15 years. Article 2 consists of the translation and adaptation of the *Situational Self Awareness-Scale* for Brazilian adults, examining evidences of validity through exploratory factor analysis, concurrent validity comparisons with self-consciousness scales and test-retest reliability. Further exploratory and pilot studies are reported in the form of notes from the field.

Key-words: self-awareness, self-awareness models, self-consciousness scales, psychological evaluation, validity evidences.

Area of classification according to CNPq: 7.07.00.00-1 - Psychology

Sub-area of classification according to CNPq: 7.07.01.00-8 – Fundamentals and Measurements of Psychology

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO.....	7
RELAÇÃO DE TABELAS.....	8
RELAÇÃO DE FIGURAS.....	9
1. APRESENTAÇÃO	10
2. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	
2.1 ARTIGO 1.....	15
2.2 ARTIGO 2.....	36
2.3 NOTAS DE CAMPO.....	55
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
4. ANEXOS.....	62

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1 – Principais escalas de autorrelato da autoconsciência	24
Tabela 2 – Versões originais dos itens da SSAS e traduzidas da EACS.....	44
Tabela 3 – Cargas fatoriais e comunalidade dos itens da EACS	46
Tabela 4 – Correlação entre fatores da EACS, EAC-R e EAI	47

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 – Processo autoconsciente segundo Duval & Wicklund	23
Figura 2 – The Alien-Hand Experiment	57

APRESENTAÇÃO

Descrição do tema e sua relevância

A autoconsciência é um tema flexível de pesquisa. Seu estudo remonta a um período anterior à psicologia e tem como primeiros estudiosos os filósofos clássicos, e continua a ser investigada nessa disciplina (Galagher & Zahavi, 2015). Na psicologia a autoconsciência começa a ser estudada por Wilhelm Wundt, na forma de seu conceito de apercepção, e William James que buscou compreender de que forma “pensamo-nos pensantes” (James, 2007/1890). Foi estudada nos primórdios da psicologia social norte-americana e possui estreita ligação com as teorias sobre o *self* de George H. Mead (1967). Gozou de amplo estudo a partir das décadas de 1970 com a formulação da teoria da autoconsciência objetiva (Duval & Wicklund, 1972) e a elaboração de uma escala para mensuração da autoconsciência disposicional (Fenigstein, Scheier, & Buss, 1975). É estudada por autores contemporâneos tanto do em relação aos aspectos cognitivos (DeCastro & Gomes, 2011) como os neuropsicológicos (Vogelely *et al.*, 2004). Está intrinsecamente ligada aos conceitos de *self* e consciência (Zahavi, 2006) e é estudada tanto por perspectivas de primeira pessoa, que buscam acessar o conteúdo subjetivo através de relatos livres, como por perspectivas de terceira pessoa que visam compreender o processo autoconsciente através de elementos objetivos, externamente observáveis (DeCastro & Gomes, 2008).

A relevância de estudar o fenômeno é justamente por sua abrangência e importância para uma variedade de áreas. Sua operacionalização em pesquisas representa a possibilidade de refutação ou confirmação de elementos de teorias tanto históricas quanto contemporâneas da psicologia (Baars, 2001). As pesquisas na área são feitas em psicologia clínica e relacionadas com sintomas psicopatológicos, pela psicologia social (principalmente a americana e europeia) para a compreensão de comportamentos e predição dos efeitos de contextos e ambientes, e o estudo da autoconsciência enquanto processo básico ajuda a testar modelos cognitivos e neuropsicológicos. Em última instância, a autoconsciência pode ser uma das vias de estudo que permitam refletir sobre o *hard problem* da consciência, ou seja de que forma o conjunto de processos psicológicos, fisiológicos e interativos dão surgimento a uma experiência consciente subjetiva (Chalmers, 1995).

Contextualização da pesquisa

O objetivo da pesquisa realizada foi contribuir para a compreensão do fenômeno e a operacionalização de formas de acesso à autoconsciência. Inicialmente acreditava-se que seria possível realizar pesquisas experimentais que replicassem e expandissem estudos anteriores fora do país que testaram as relações entre autoconsciência disposicional, manipulações da autoconsciência e a autoconsciência situacional. Ainda, desejava-se investigar se uma abordagem mista de métodos quantitativos e qualitativos poderia fornecer evidências de forma inovadora na área. Entretanto, logo tornou-se evidente que carecia-se de um instrumento brasileiro básico para a mensuração da autoconsciência situacional e a concretização de uma investigação desse tipo. Desse modo optou-se em focar na adaptação de um instrumento estrangeiro, já validado em outros países, a *Situational Self-Awareness Scale (SSAS)* (Govern & Marsch, 2001), para uso em adultos brasileiros.

Ainda que o projeto de pesquisa continue a almejar a concretização destas pesquisas mais avançadas e que estudos exploratórios e pilotos já tenham sido realizados nesse sentido (serão relatados após a descrição dos artigos principais), restrições temporais exigiram que o trabalho de dissertação de mestrado se limitasse a um estudo teórico sobre a autoconsciência (Artigo 1) e em um estudo de adaptação cultural da SSAS (Artigo 2). Destes, o Artigo 2 foi submetido para publicação na revista *Psico-USF* e o Artigo 1 será encaminhado para publicação após avaliações e sugestões da banca examinadora.

Descrição dos artigos

O Artigo 1 consiste em uma análise temática da autoconsciência. Avalia a trajetória de modelos de autoconsciência, desde formulações conceituais clássicas, passando pela operacionalização em escalas, até modelos contemporâneos de integração de níveis de evidência para investigação empírica da autoconsciência. O texto examina o contexto histórico das condições para uma agenda científica da autoconsciência e as rupturas nesta agenda impostas pela ciência do comportamento. Indica a retomada dos estudos da autoconsciência em meados dos anos 1970, a partir do reconhecimento do tecido científico funcionalista nos EUA pela psicologia cognitiva e psicologia social. Críticas às medidas de autoconsciência deste período são apresentadas e alternativas contemporâneas de investigação são descritas.

O Artigo 2 trata de uma adaptação cultural da *Situational Self Awareness Scale* de Govern e Marsch (2001). Compreende o exame da estrutura fatorial, consistência interna da escala, da validade concorrente com medidas disposicionais de autoconsciência – a saber, a escala de Autoconsciência Revisada (EAC-R) (Gomes & Teixeira, 1996) e a Escala de Autorreflexão e Insight (EAI) (DaSilveira, DeCastro, & Gomes, 2012) – e uma avaliação de fidedignidade teste-reteste. As coletas para esse estudo foram feitas on-line com 169 participantes de ambos os sexos de diversas idades e regiões do país. Os resultados são discutidos à luz da teoria de Duval & Wicklund (1972) e das tentativas de validação anteriores na China (Liu *et al.*, 2009) e França (Auzoult, 2013).

Referências

- Auzoult, L. (2013). A French version of the situational self-awareness scale. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée/European Review of Applied Psychology*, 63(1), 41–47.
- Baars, B. J. (2001). In the theater of consciousness: the workspace of the mind. London: Oxford University Press.
- Chalmers, D. J. (1995). Facint Up to the Problem of Consciousness. *Journal of Consciousness Studies* 2(3), 200-219.
- DaSilveira, A. C., DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2012). Escala de Autorreflexão e Insight: nova medida de autoconsciência adaptada e validada para adultos brasileiros. *Psico*, 43(2), 155-162.
- DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2008). Fenomenologia naturalizada: o estatuto husserliano e as ciências cognitivas. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1(2), 136-147.
- DeCastro, T. G. de, & Gomes, W. B. (2011). Autoconsciência e ambiguidade perceptual cinestésica: experimento fenomenológico. *Psicologia Em Estudo*, 16(2), 279–287.
- Duval, S. & Wicklund, R. A. (1972). *A Theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43(4), 522–527.
- Gallagher, S. & Zahavi, D. (2015). Phenomenological Approaches to Self-Consciousness. E. N. Zalta (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2015/self-consciousnessphenomenological/>>.
- Govern, J. M., & Marsch, L. A. (2001). Development and Validation of the Situational Self-Awareness Scale. *Consciousness and Cognition*, 10, 366-378.
- James, W. (2007). *The principles of psychology* (Vol. 1). New York: Cosimo Classics. (Original publicado em língua inglesa em 1890)
- Liu, X.-F., Shao, Y.-C., Yang, Y.-B., Wu, S.-J., Yang, H., Wang, W., & Xiao, W. (2009). The validity and reliability of the revised Chinese version of the Situational Self-Awareness Scale. *Social Behavior and Personality*, 37(6), 743–752.
- Mead, G. H., & Morris, C. W. (1967). *Mind, Self, and Society*. The University of Chicago press.

- Teixeira, M., & Gomes, W. B. (1996). Escala de autoconsciência revisada (EAC-R): características psicométricas numa amostra de adolescentes brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 48(2), 78-92.
- Vogeley, K., May, M., Ritzl, A., Falkai, P., Zilles, K., & Fink, G. R. (2004). Neural Correlates of First-Person Perspective as One Constituent of Human Self-Consciousness. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 16(5), 817–827.
- Zahavi, D. (2006). *Subjectivity and selfhood: investigating the first-person perspective*. Cambridge, MA: MIT Press.

ARTIGO 1

Autoconsciência em Pesquisa: dos Constituintes Funcionais aos Modelos de Mensuração

DANIEL RODRIGUES ECHEVARRIA

Universidade Federal do Pampa

THIAGO GOMES DE CASTRO

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

A investigação da autoconsciência é tema estruturante da literatura em psicologia. No presente ensaio temático abordou-se as teorias históricas da autoconsciência e do *self*, as dificuldades, críticas e avanços no estudo do fenômeno. O texto foi organizado em três seções, a primeira consiste no exame dos modelos clássicos da autoconsciência, a segunda trata das soluções teóricas e metodológicas apresentadas pela psicologia social experimental e da personalidade por volta das décadas de 1970 e 1980, e a terceira aponta a retomada de modelos de autoconsciência de múltiplos níveis nos últimos 15 anos. Finalmente, discute-se a necessidade da integração de múltiplos níveis de evidência para a efetivação de uma compreensão articulada da autoconsciência.

Palavras-chave: autoconsciência, personalidade, integração de evidências.

ABSTRACT

The study of self-awareness is a structuring theme in psychological literature. In this thematic study we approach the historical theories of self-awareness and self, the difficulties, criticism and advances in studying this phenomenon. The text was organized in three sections. The first consists of an examination of the classical models of self-awareness, the second details the theoretical and methodological solutions put forth by social and personality psychology around the 1970s and 1980s, and the third points out the renewed interest in multi-level models of self-awareness in the last 15 years. Finally the need to integrate multiple levels of evidence for an effective and articulated comprehension of self-awareness is discussed.

Keywords: self-awareness, personality, evidence integration.

O interesse em investigar sistematicamente e experimentalmente a autoconsciência remonta aos textos iniciais da Psicologia moderna. Exemplos de texto que impulsionaram esse empreendimento vão desde ensaios como o de Chauncey Wright (1873) sobre a evolução da autoconsciência entre animais, até as descrições funcionalistas sobre a consciência do *self* de William James (2007/1890) e as delimitações fisiológicas da autoconsciência de Wilhelm Wundt (1832-1920). No presente artigo descreve-se brevemente o aporte filosófico geral ao tema no século XX e a formulação conceitual de William James para a autoconsciência. Em seguida, examina-se a ênfase dos estudos empíricos de autoconsciência nas décadas de 1970 e 1980, impulsionados principalmente pela psicologia social e da personalidade nos Estados Unidos da América. Na sequência são apresentados exemplos de novos paradigmas de investigação da autoconsciência na pesquisa psicológica nos últimos 15 anos. Discute-se, ao final, a trajetória de investigação da autoconsciência em relação aos desafios iniciais da área para uma integração operacional do conceito.

Autoconsciência e Natureza Humana: Primórdios da Pesquisa em Psicologia

De acordo com Ferreira (2008), ainda que a história da Psicologia moderna seja usualmente demarcada em meados do século XIX, é nos primórdios do século XVI que formas singulares de um conhecimento sobre si começaram a se consolidar na filosofia ocidental. Assim, a busca por uma ciência da individualidade e da interioridade repousa em uma história anterior a fundação da Psicologia moderna. Nessa direção, a Psicologia herda da filosofia e dela deriva o interesse fundamental sobre a consciência de si, aplicando métodos experimentais e sistemáticos para sua investigação.

Segundo Mora (2008), a consciência pode ser compreendida na filosofia ocidental, em sentido amplo, ou como o reconhecimento de qualidades, objetos e situações externas, ou como a percepção de mudanças internas experienciadas pelo próprio Eu. A segunda definição apresentada por Mora identifica-se, mesmo que em sentido amplo, com a denominação contemporânea de autoconsciência. Mora refere ainda que na filosofia moderna a definição ampla de consciência poderia ser desdobrada em um sentido psicológico, epistemológico, gnosiológico e metafísico. Seria no sentido psicológico, especificamente, que a consciência apresentaria um significado de percepção do Eu pelo próprio *self*, ou seja, autoconsciência.

No século XX, Gallagher e Zahavi (2015) identificam uma relativa convergência conceitual, entre representantes de diferentes epistemologias, acerca da postulação de níveis de autoconsciência. A literatura, nesse período, definiu um espectro de autoconsciência que abrange desde formas pré-reflexivas autoconscientes até formas complexas de autoconsciência narrativa. As referências aos diferentes níveis autoconscientes vão desde tradições fenomenológicas (Zahavi, 2006) até textos de filosofia analítica (Bermúdez, 1998; Flanagan, 1994; Nagel, 1974) incorporados pelas ciências da cognição. No nível pré-reflexivo, o processo autoconsciente seria tácito e subjetivo e o *self* não atingiria status de objeto conceitual. A autoconsciência pré-reflexiva poderia ser representada pela afirmação “a quem a experiência pertence”, conferindo-lhe status de experiência em primeira pessoa autoconsciente. Já em um nível em que se reflete sobre o *self*, a noção é de um pensamento objetivo sobre a consciência de si. Esse *self* reflexivo pode ser compreendido como se por uma perspectiva externa, mesmo que posto em ação pelo próprio indivíduo, realizando uma atividade reflexiva ou tendo uma experiência de si em terceira pessoa.

Em geral, a denominação de dados de terceira pessoa refere-se a dados externamente observáveis, objetivos, e disponíveis ao escrutínio por mais de um sujeito (Overgaard, 2001). Dados de primeira pessoa se referem ao acesso subjetivo a uma experiência individual. O relato dessa experiência de forma livre pelo indivíduo é admitido como uma via válida para acessar experiências autoconscientes de primeira pessoa (DeCastro & Gomes, 2008). Note-se, contudo, que o relato da experiência subjetiva necessariamente converte o processo autoconsciente de pré-reflexivo para auto-reflexivo.

Mesmo constatando-se uma concordância conceitual acerca de níveis de autoconsciência, Gallagher e Zahavi (2015) identificam distanciamentos entre diferentes teorias sobre a emergência e o foco de investigação da autoconsciência. Mais especificamente, tradições fenomenológicas rejeitariam as teses da filosofia analítica e das ciências da cognição de que estados mentais se tornam conscientes por serem focalizados como objeto de escrutínio por processos cognitivos de alta ordem. Na tradição fenomenológica o primado da autoconsciência residiria na pré-reflexão que originaria o sentido de primeira ordem da experiência de si, e apenas subsequentemente uma reflexão de alta ordem sobre si. Assim, nota-se, por um lado, a concordância entre as vertentes sobre a existência de níveis de autoconsciência, e por outro, a discordância sobre o primado da autoconsciência.

Nos primórdios da Psicologia moderna, alguns autores se destacaram no delineamento de uma ciência psicológica pautada pela investigação da experiência consciente. Com a finalidade de discutir os desdobramentos para uma ciência empírica da autoconsciência nas seções seguintes, optou-se por focar a concepção funcionalista de William James sobre o tema. James enfatiza uma consciência objetiva sobre o self em termos funcionais, semelhante à formulação de autoconsciência do evolucionista Chauncey Wright (1873).

Em sua formulação específica de consciência do *self*, James (2007/1890) elenca três pontos para uma agenda de pesquisa da autoconsciência. As investigações da psicologia deveriam iniciar pelos constituintes do *self*, depois passariam aos sentimentos e emoções sobre o *self* (*self-feelings*), e por fim às ações para as quais se volta a consciência do *self* (*self-seeking* e *self-preservation*). Dos pontos indicados por James, destaca-se para análise subsequente, a taxonomia descritiva dos constituintes do self. Nessa taxonomia estariam contemplados o self material, o self social, o self espiritual e o ego puro. O self material diz respeito ao corpo, roupas, família e casa que funcionam como extensão material do Eu. O self social indica o reconhecimento dos outros sobre mim, ou a imagem de si pela perspectiva dos outros. Nesse constituinte, múltiplos *selves* poderiam coexistir conforme o número de relações sociais estabelecidas. O *self* espiritual, por sua vez, trata das disposições psíquicas, da vida subjetiva, da autorreflexão ou atenção ao pensamento seja essa atenção objetiva ou abstrata “*to think ourselves as thinkers*”.

O constituinte “ego puro” merece atenção especial, pois refere o aspecto pré-reflexivo identificado por Gallagher e Zahavi (2015), e do qual uma ciência objetiva da autoconsciência derivará parcialmente conclusões no decorrer do século XX. James (2007/1890) atribui status de *self* nuclear ao ego puro, reconhecendo seu aspecto abstrato, mas, ao mesmo tempo, objetivamente experiencial para o “*self* dos *selves*”. De acordo com James (2007/1890, p. 301), o reconhecimento do ego puro consistiria objetivamente da coleção de movimentos peculiares na cabeça ou entre a cabeça e a garganta. O ego puro não se resumiria a isso, mas esse conjunto de movimentos seria a porção da atividade do Eu mais íntima da qual o *self* teria autoconsciência. Essa parte nuclear do *self*, intermediária entre as ideias e os atos evidentes, seria uma coleção de atividades fisiológicas, indistintas em qualidade de essência dos atos evidentes em si. James propõe (p.302) dividir os atos fisiológicos em ajustes e execuções, sendo que o self nuclear seria identificado com os ajustes coletivamente apreendidos e o self menos

íntimo, mais associado com a mutação dos movimentos, seriam as execuções de ação. Nesse modelo, tanto os ajustes quanto as execuções seriam do tipo reflexo, reações primárias do organismo ao ambiente.

No texto de 1890 James resguarda ainda um caráter dualístico à relação entre experiência do *self* e experiência do mundo, afirmando que as reações primárias do ego puro seriam centrais e interiores em comparação à matéria externa para as quais essas reações ocorrem (James, 2007/1890, p.304). Contudo, os ajustes e execuções do ego puro possuiriam posição decisiva e de arbitragem, diferente dos outros constituintes do *self*. No ego puro nasceriam as conclusões e o ponto de partida das ações, o que indica uma forte ontologia mediativa da cognição ou da fenomenologia da ação no autor. James identifica o ego puro como o local da experiência direta, sendo que no fluxo de pensamento essa experiência não seria diretamente refletida, mas abstratamente sentida. Sua matéria estaria entre o fenômeno físico e o postulado refletido da consciência. Sentido esse alinhado às concepções pré-reflexivas de autoconsciência (Zahavi, 2006) e a uma noção de *self* mínimo descrita nas ciências da cognição (Blanke & Metzinger, 2009; Hohwy, 2007).

Mais tarde, em seu ensaio “*Does Consciousness Exist?*” (1996/1904), James desenvolve o que denomina o projeto de Empirismo Radical, no qual defende a consciência como função e não uma entidade psicológica. Nesse texto James indica que a consciência seria o nome que damos à função de “conhecer” na experiência, sendo esta função exercida pelo pensamento. James afirma que a consciência é necessária para explicar o fato de que as coisas são conhecidas e reportadas, portanto não pode ser meramente descartada sem que haja um substituto que explique a forma como a função de conhecer ocorre. Nessa perspectiva, os pensamentos são reais, contudo, esta realidade consiste da mesma matéria da realidade das coisas no mundo e o fluxo do pensamento consiste primariamente do fluxo da respiração. O autor se afasta aí da versão de dupla matéria que descreve em 1890. James ancora a realidade do pensamento e da autoconsciência na realidade do organismo. Isso significa que o pensamento em fluxo está no mesmo nível da respiração e seu movimento. Assim, pensamento é sinônimo de coisa viva, direcionando o Empirismo Radical para o monismo fundamentado na experiência do mundo.

De forma interessante, ainda em seu texto de 1890, James discute aproximações com o entendimento de autoconsciência de Wilhelm Wundt. De acordo com James (2007/1890, p.303), o que ele chama de ajustes fisiológicos, que levariam à

autoconsciência primária, Wundt denomina processos de apercepção. Na versão de Wundt um grupo particular de perceptos detém um significado proeminente para a consciência de si. Este grupo de perceptos seria permanente, uma vez que seriam apercebidos nas tensões musculares constantes geradas pelo movimento/atividade do organismo. Assim, um ego derivado da sensibilidade às tensões do corpo. Este conjunto de perceptos seriam imediatamente ou remotamente sujeitos à vontade do *self*, disponíveis à autoconsciência e passíveis de representação. Como em James, o corpo e suas ações servindo de base para uma classe fundamental de autoconsciência. Modalidades mais sofisticadas de autoconsciência repousariam sobre a tarefa reflexiva de voltar a atenção sobre si.

Apesar da importância do estudo da autoconsciência no início da Psicologia moderna, a ascensão de uma nova ciência do comportamento no início do século XX suplantou significativamente os esforços para a consolidação de uma ciência da consciência/autoconsciência. Para parte dos psicólogos norte-americanos do período o estudo do comportamento externamente observável contornava dificuldades inerentes ao estudo da consciência/autoconsciência, cujo acesso representava um desafio metodológico (Angell, 1913). Todavia, é interessante notar que no mesmo ano da publicação do “Manifesto Comportamental”¹ por J.B. Watson, outro importante psicólogo norte-americano do período publicava um ensaio em defesa da autoconsciência. James Mark Baldwin (1861-1934), um dos fundadores do departamento de Psicologia da Universidade de Princeton, publicou em 1913 um ensaio onde afirmava que a história da Psicologia era a história das tentativas da ciência em refletir sobre a mente humana. Portanto, conclui Baldwin, a história da Psicologia é a história das tentativas sistemáticas de refletir sobre a autoconsciência. Baldwin, assim como James um representante das teses evolucionistas na Psicologia, não conseguiu evitar a retirada de termos como consciência e mente da ciência psicológica, o que perduraria por várias décadas no século XX.

Entre as décadas de 1930 e 1960, mais especificamente, se observa um período de ausência de pesquisas sistemáticas sobre consciência, autoconsciência e *self* na Psicologia. Principalmente como uma decorrência do interesse preponderante pelos “aspectos externos” do comportamento humano (Baars, 2001). Entretanto, conforme relata Carrara (2005), dentro da própria análise do comportamento circulavam ideias de que o comportamento poderia derivar de processos encobertos, admitindo-se uma noção

1 Artigo original intitulado “Psychology as the behaviorist views it” (1913), *Psychological Review*.

de intencionalidade do comportamento, indo além dos argumentos estritamente externalistas que caracterizavam o behaviorismo clássico de Watson. Exemplo disso foi o comportamentalista Edwin Holt (1873-1946), professor de Psicologia em Harvard e depois em Princeton, que sustentava uma visão de análise do comportamento que incluía a consciência e eventos internos como objetos de investigação. Aluno de Holt, Edward Tolman (1886-1959) foi um autor da análise do comportamento que defendeu a tese de que o comportamento possui propósito / intenção, o que levaria invariavelmente à admissão de propriedades mediadoras entre organismo e ambiente.

De forma mais consistente, o argumento para uma investigação da autoconsciência começa a ser retomado na literatura em Psicologia apenas em meados da década de 1970. A próxima seção descreve as características dessa retomada e do entendimento de autoconsciência associado às teorias do período.

Autoconsciência Operacionalizada: Traço ou Estado?

Apoiados em uma epistemologia diferente da hegemonia comportamental vigente nas décadas de 1930 a 1960, autores da psicologia cognitiva, psicologia social e da personalidade retomaram o estudo de processos internos, mediadores do comportamento (DeCastro & Gomes, 2008). A partir da década de 1960, há um novo interesse pelo estudo da consciência, da autoconsciência e do *self* (Zahavi, 2006). É na década seguinte, contudo, que se observa o ressurgimento do estudo da autoconsciência nas áreas da psicologia social e da personalidade utilizando manipulações da atenção auto-focada (Morrin, 2006; 2011). Duval e Wicklund (1972), especificamente, retomam a pauta da autoconsciência na psicologia social experimental, formulando sua teoria da autoconsciência objetiva e testando-a em contextos experimentais (*e.g.* Duval & Wicklund 1971; 1973).

Essa teoria previa que estímulos, internos ou externos, poderiam levar ao direcionamento da atenção para o *self*, o que acarretaria a comparação desse *self* ou seus aspectos a padrões e valores internalizados. Esta comparação geralmente evidenciava uma distância entre o *self* percebido e o ideal, levando a um de três comportamentos possíveis: mudanças de atitude, mudanças dos padrões internalizados ou fuga do estado autoconsciente (ver Figura 1). Elementos de sua teoria, como a internalização de um outro generalizado – os padrões internalizados – são oriundos das teorias sociais do *self* de Charles H. Cooley (1907) e George H. Mead (1967).

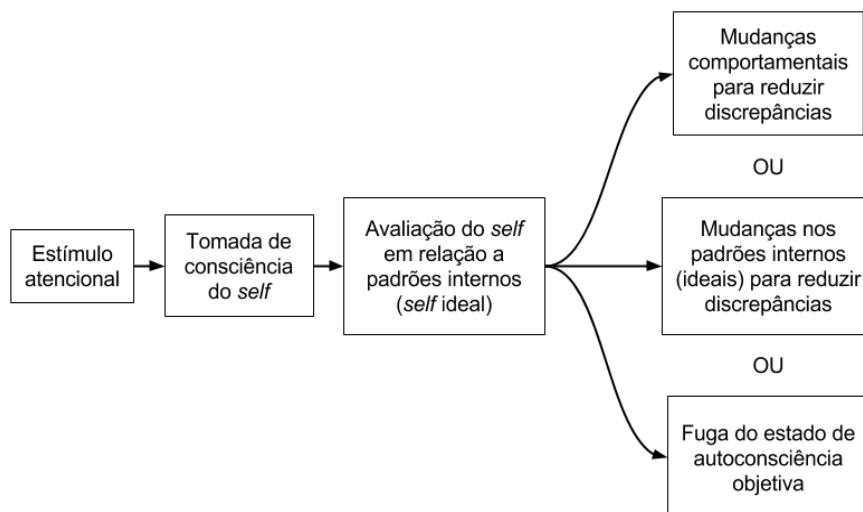


Figura 1 - Processo de autoconsciência segundo a teoria da autoconsciência objetiva de adaptado de Duval e Wicklund (1972).

Duval e Wicklund (1972) propõem duas modalidades de autoconsciência. A autoconsciência subjetiva seria a modalidade onde o foco da consciência se volta para o mundo externo ao *self*, no qual o *self* é meramente o autor da ação no mundo. Já a autoconsciência objetiva se dá quando o objeto da atenção consciente é o próprio *self*. Estes focos atencionais, de acordo com a teoria, eram concorrentes e o engajamento em um tipo de autoconsciência reduziria os recursos para o engajamento na outra modalidade de autoconsciência. Embora houvesse um reconhecimento da existência de componentes latentes ou pré-reflexivos do *self*, em especial na autoconsciência subjetiva, estes aspectos não são foco da teoria. Estes componentes só afetariam estados mentais e teriam efeitos no comportamento quando a atenção consciente se voltasse para eles e os tomasse como objetos (Wicklund, 1979).

A evolução do estudo psicológico da autoconsciência a partir da década de 1970 é marcada por uma série de desdobramentos e refinamentos de construtos da autoconsciência objetiva. Fenigstein, Scheier e Buss (1975) operacionalizaram em sua *Self-consciousness Scale* uma divisão entre os aspectos privados (relativos a pensamentos íntimos e características internas do *self*) e públicos (relativos a traços do *self* observáveis por terceiros, como aparência e comportamentos). Além disso, por se tratar de uma escala disposicional, de traços individuais estáveis, Fenigstein *et al.*, criaram uma ruptura conceitual entre a modalidade situacional e a modalidade de traço autoconsciente.

O refinamento das medidas de autorrelato da autoconsciência disposicional continuou a produzir subdivisões da autoconsciência (ver Tabela 1). Estes instrumentos trataram a autoconsciência como um ou mais traços de personalidade e investigaram sua relação com tendências individuais metacognitivas (Trapnell, & Campbell, 1999), com sintomas psicopatológicos (Fenigstein e Vanable, 1992; Striegel-Moore, Silberstein e Rodin, 1993) e atitudes (Gschwendner, Hofmann e Schmitt, 2006).

Tabela 1 – Principais escalas de autorrelato da autoconsciência e seus fatores

Autoconsciência Disposicional	
<i>Self-consciousness Scale (SCS)</i> Fenigstein, Scheier, & Buss (1975)	<ul style="list-style-type: none"> • autoconsciência pública • autoconsciência privada • ansiedade social
<i>Self-reflectiveness and Internal State Awareness Scale (SRISAS)</i> Burnkrant, & Page (1984)	<ul style="list-style-type: none"> • autorreflexividade • consciência de estado interno • autoconsciência pública • ansiedade social
<i>Rumination and Reflection Questionnaire (RRQ)</i> Trapnell, & Campbell (1999)	<ul style="list-style-type: none"> • ruminação • reflexão
<i>Self-reflection and Insight Scale (SRIS)</i> Grant, Franklin & Langford (2002)	<ul style="list-style-type: none"> • autorreflexão; • <i>insight</i>
<i>Self-absorption Scale (SAS)</i> McKenzie & Hoyle (2008)	<ul style="list-style-type: none"> • autoabsorção privada • autoabsorção pública
Autoconsciência Situacional	
<i>Self-consciousness Scale</i> (Fenigstein et al., 1975) adaptada por Sedikides (1992)	<ul style="list-style-type: none"> • autoconsciência situacional
<i>Revised Self-Consciousness Scale</i> (Scheier & Carver, 1985) adaptada por Wikens e Stapel (2010)	<ul style="list-style-type: none"> • autoconsciência situacional privada • autoconsciência situacional pública
<i>Escala de Autoconsciência Situacional (EAS)</i> (Nascimento 2008)	<ul style="list-style-type: none"> • ruminação • reflexão • mediação icônica
<i>Situational Self-awareness Scale (SSAS)</i> (Govern, & Marsch, 2001)	<ul style="list-style-type: none"> • autoconsciência situacional privada • autoconsciência situacional pública • consciência do ambiente

Estes instrumentos são valiosos para a pesquisa psicológica, mas foram criticados por sua desconexão com uma teoria da autoconsciência que possibilitasse a

formulação eficiente de hipóteses (Silvia, 1999; Silvia & Duval, 2001; Wicklund & Gollwitzer, 1987). O ponto central destas críticas, dirigidas às modalidades disposicionais e a criação de subfatores de autoconsciência, é a de que os estudos estatísticos acabavam por ser os principais responsáveis pela criação de novos construtos que nem sempre estavam calcados em uma teoria. Segundo Wicklund e Gollwitzer, eram exemplos de uma ciência “aristotélica”, cuja preocupação principal era categorizar organismos e estímulos e prever os comportamentos resultantes com base nas categorias às quais os indivíduos ou estímulos pertenciam. Seria preferível, segundo os críticos, uma abordagem “galiléica” em que o conjunto de características individuais, fatores ambientais e processos cognitivos seriam compreendidos em interação e em um contexto específico.

As limitações destas escalas de autorrelato e da delimitação de construtos principalmente com base em análises fatoriais foram reconhecidas por alguns dos autores das escalas de autoconsciência. No entanto argumentava-se que a criação de novas variáveis poderia ser útil para subsidiar novas teorizações (Creed & Funder, 1999). Enquanto estas medidas foram adaptadas e validadas em vários idiomas e populações, as pesquisas com autoconsciência situacional não dispunham de tamanha variedade de instrumentos de medida e construtos.

Em alguns casos medidas de autoconsciência disposicional foram adaptadas e utilizadas para investigar o estado autoconsciente transitório (Sedikides, 1992; Wiekens & Stapel, 2010), mas detalhes sobre sua validade não foram publicados. No Brasil, por exemplo, foi criada e validada a Escala de Autoconsciência Situacional (Nascimento, 2008), com base no conceito de mediação icônica de Morrin (2004). Por mediação icônica entende-se a introjeção de uma perspectiva externa na forma de imagens. Até o momento a *Situational Self-awareness Scale* (Govern & Marsch, 2001) é a única escala de autoconsciência situacional adaptada para outras línguas e populações, sendo a original em inglês e as versões traduzidas em chinês (Liu *et al.*, 2009) e francês (Auzoult, 2013).

O reconhecimento dos subfatores da autoconsciência forneceu a possibilidade de explicar resultados discrepantes de experimentos de autoconsciência, em que algumas instâncias que promoviam autoconsciência favoreciam comportamentos adaptativos e em outros casos se observavam correlações com sintomas psicopatológicos (Burnkrant & Page, 1984; Cramer, 2000). A possibilidade de investigar a autoconsciência de modo quantificado permitiu uma maior compreensão sobre a eficácia e especificidade dos

estímulos à autoconsciência. Por exemplo, espelhos pequenos e próximos costumam ativar a autoconsciência privada, espelhos grandes e distantes tendem a aumentar a autoconsciência pública (Wiekens & Stapel, 2010).

Outros achados corroboram o caráter socialmente construído do *self* autoconsciente, de modo condizente com as propostas teóricas de Cooley (1907) e Mead (1967). Em manipulações laboratoriais da autoconsciência por exposição a espelho averiguou-se que americanos apresentavam redução na desonestidade em uma tarefa experimental, enquanto que japoneses não eram afetados e apresentavam os índices reduzidos independentemente da presença do estímulo autoconsciente (Heine, Takemoto, Moskalenko, Lasaleta, & Henrich, 2008).

Resultados análogos foram obtidos durante a validação da versão chinesa da SSAS (Govern & Marsch, 2001). Liu *et al.* (2008) identificaram que um item de autoconsciência situacional privada (“Nesse momento estou reflexivo sobre minha vida.”) associava-se ao fator público para a população chinesa. A explicação proposta pelos autores foi de que a noção de “minha vida” para os chineses possui um caráter muito mais público do que a ideia de uma vida pessoal e individual prevalente nas sociedades ocidentais. Estes dados são intrigantes, pois apoiam a ideia de aspectos sociais e culturais na formação do *self* (James, 2007/1890; Mead, 1967).

Apesar de sua importância, as escalas de autorrelato sobre a autoconsciência derivam do modelo “social/personalidade” conforme definido por Morrin (2006). Como tal, pressupõe o surgimento do *self* e a possibilidade da autoconsciência como resultante do processo de interação social e a introjeção de uma perspectiva externa ou da fala (Morrin, 2005). Essa perspectiva de autoconsciência é necessariamente reflexiva, pois o processo autoconsciente envolve a tomada do *self* como objeto da consciência. Contudo, conforme explicitado na primeira seção deste artigo, o modelo de autoconsciência em paradigmas de investigação empírica no século XX tomam a autoconsciência como uma variável de espectro, que inclui desde processos pré-reflexivos até processos meta-cognitivos (Gallagher e Zahavi, 2015). A seguir examinaremos alguns modelos de autoconsciência que incluem a dimensão pré-reflexiva, assim como medidas e instrumentos alternativos para acessar o fenômeno.

Ciência da Autoconsciência: Modelos e Medidas Contemporâneas

Diferentes modelos de autoconsciência em ciências cognitivas de meados dos anos 2000 não se limitam à descrição de extremos pré-reflexivo e reflexivo em um

espectro autoconsciente. Kircher e David (2003), por exemplo, descrevem um modelo composto de variações pré-reflexivas, experiências primárias e consciência introspectiva. Nesse modelo, a reflexão sobre experiências primárias apareceria apenas na consciência introspectiva, enquanto que experiências pré-conscientes e conscientes de si em primeira pessoa comporiam a matéria das experiências primárias na consciência fenomenal. Informações do sistema nervoso autônomo, tais como batimentos cardíacos, também seriam parte do sistema autoconsciente, mas apenas no nível de consciência pré-reflexiva.

Morrin (2006; 2011) propõe um espectro de quatro níveis de autoconsciência: não-consciência, consciência, autoconsciência e meta-autoconsciência. No nível não consciente a consciência inexistente e o organismo está inerte e não responsivo, no nível consciente há a consciência de estímulos externos, do ambiente. Semelhante ao nível da autoconsciência subjetiva de Duval & Wicklund (1972) no nível consciente há um nível latente de *self* que é o autor da ação, mas não há reflexão que objetifique o *self*. A autoconsciência propriamente dita ocorre, para Morrin, quando há tomada do *self* ou seus aspectos como objetos da consciência. No nível de meta-autoconsciência o próprio processo de reflexão sobre si é tomado como objeto da consciência, semelhante às tradições de autoconsciência de alta-ordem na filosofia analítica e ciências da cognição (Zahavi, 2006).

Rochat (2003), em uma perspectiva desenvolvimental, postulou um modelo de cinco níveis de autoconsciência, que se desenvolveria ainda na infância, a partir de reações da exposição da própria imagem diante de um espelho. O autor descreve um nível prévio, denominado zero ou nível de confusão, em que a criança se confunde com o mundo não ocorrendo autoconsciência. O primeiro nível seria o de diferenciação, em que a criança percebe que o que está refletido no espelho é diferente do ambiente a sua volta. No segundo nível, denominado situação, a criança começa a integrar os movimentos que vê no espelho com a experiência proprioceptiva de realização da ação. O terceiro é chamado identificação, e representa o momento em que a criança percebe que o que está refletido no espelho é ela mesma. No quarto nível estabelece-se a permanência, situação na qual a criança se identifica em fotografias e filmes realizados no passado, ou seja, sem a necessidade de uma simultaneidade temporal de auto-identificação. Por fim, no quinto nível, o *self* passa a ser reconhecido não apenas de uma perspectiva de primeira pessoa, mas também de uma perspectiva de terceira pessoa,

nessa fase tem-se a consciência de como posso ser representado na mente de outras pessoas, também denominada de autoconsciência pública.

Estes modelos contemporâneos de autoconsciência tem feito uso de novas formas de investigação. Duas abordagens complementares podem ser identificadas: 1) a identificação de correlatos fisiológicos ligados à autoconsciência, e 2) medidas de desempenho em tarefas experimentais ou ecológicas de autoconsciência. São exemplos da primeira abordagem estudos que relacionam os movimentos oculares e a ativação de determinadas regiões do cérebro (Eisenberg, Lieberman, & Stpute, 2005; Vogeley et al., 2004) ou características anatômicas e funcionais de determinados neurônios correlatos da autoconsciência (Critchley & Seth, 2012), além de medidas correlatas de pressão sistólica e diastólica à autoconsciência em contextos de desempenho atencional (Silvia, Jones, Kelly, & Zibaie, 2011). A segunda abordagem pode ser representada pelo uso de medidas de desempenho em tarefas, tais como a mensuração dos tempos de reação a estímulos neutros e a estímulos auto-referentes e o uso de pronomes de primeira pessoa em uma tarefa escrita (Eichstaedt & Silvia, 2003), além de correlação entre perfis de autoconsciência aferidos pelas escalas de autorrelato e tomada de decisão em tarefas de conflito sensorial (DeCastro & Gomes, 2011). Ambas as modalidades envolvem aspectos do nível descrito por Morrin (2011) como consciente, que seria anterior à autoconsciência avaliada pelas escalas de autoconsciência. Nessas pesquisas os autores correlacionam as medidas de consciência com os escores de autoconsciência aferidos pelas escalas.

Outra forma de avaliar o nível pré-autoconsciente em forma de escala, mas diferente das modalidades tradicionais de autorrelato em autoconsciência, são os instrumentos de experiência de consciência de estímulos. Sandberg, Timmermans, Overgaard e Cleermans (2010) descreveram três medidas que avaliam a experiência consciente através da percepção, confiança e estimacão em relação a uma tarefa de identificação visual. A *Perceptual Awareness Scale* (PAS) é uma medida de autorrelato sobre clareza de experiência de um estímulo, na qual o participante responde sobre o grau de clareza da sua experiência sobre um estímulo. Por outro lado, as medidas de confiança na resposta (CR) e o *post-decision wagering* (PDW) são consideradas medidas mais diretas em que os participantes classificam o grau de confiança sobre uma determinada experiência e em que medida apostam na correção de uma determinada percepção, respectivamente. Estas duas últimas ofereceriam vantagens sobre a PAS na medida em que: a) não dependem da habilidade de introspecção dos participantes e b)

são consideradas medidas mais objetivas e menos sujeitas a viés. Apesar disso, os pesquisadores encontraram que a PAS foi melhor preditora do desempenho em tarefas de clareza de identificação visual de estímulos do que as medidas CR e PDW. Mesmo em um contexto de desempenho de tarefas e exames de processos pré-reflexivos o uso de escalas permanece oferecendo informações relevantes sobre o processo autoconsciente.

Conclusões

O estudo da autoconsciência e o início da ciência psicológica confundem-se cronologicamente. Ambos traçam suas origens na filosofia clássica e o estudo da autoconsciência é tão antigo quanto a psicologia. William James foi um dos primeiros a teorizar sobre o processo de “pensar-nos pensadores” e elementos de sua taxonomia do *self* encontram paralelo nas diversas teorias do *self* e da autoconsciência históricas, como de George H. Mead, e contemporâneas, como de Alain Morrin.

A ascensão do comportamentalismo de Watson levou a um abandono temporário da investigação da autoconsciência, porém, mesmo dentro do comportamentalismo autores como Holt e Tolman criaram as condições necessárias para o reconhecimento de uma intencionalidade do comportamento e de estados mentais “emergentes” de comportamentos encobertos. O surgimento de novas teorias e medidas de autoconsciência a partir da década 1970 sinalizou uma retomada das pesquisas. O uso de escalas de autorrelato e manipulações dos estados autoconscientes foram importantes metodologias nessa retomada da investigação na área. Estas iniciativas da psicologia social experimental e da personalidade nos Estados Unidos, entretanto, focaram principalmente o aspecto reflexivo da autoconsciência, desconsiderando a influência de níveis mais básicos do *self* sobre a ação e a cognição.

Formulações mais contemporâneas da autoconsciência a definem como um fenômeno complexo e de múltiplos níveis. Como tal, requerem a articulação de diferentes níveis de evidência. Estudos de correlatos fisiológicos, em especial neurais, da autoconsciência representam uma importante perspectiva para o aprofundamento sobre as bases materiais e o funcionamento pré-reflexivo do fenômeno autoconsciente. Medidas de desempenho em tarefas experimentais e ecológicas oferecem oportunidades importantes para a testagem de teorias da autoconsciência em nível pré-reflexivo e sua relação com a autoconsciência reflexiva. As escalas de autoconsciência tiveram, nesse contexto, um papel na delimitação de construtos de autoconsciência e na distinção entre

disposições individuais. Finalmente, conforme evidenciado por medidas de autorrelato mais livres, onde os próprios respondentes definem as categorias para classificação de sua experiência consciente, dados de primeira pessoa podem fornecer dados mais sutis que não impõem limitações excessivas à expressão da experiência autoconsciente.

Se a psicologia desejar dar seguimento ao projeto de investigação da autoconsciência formulado por William James e herdado da filosofia, a investigação dos elementos constituintes da autoconsciência, em todos os níveis, será importante. Elevar em demasia um único nível de evidência, seja ele o neurológico, o social ou o cognitivo, produz o risco de retardar o avanço de novas descobertas no campo, assim como ocorreu entre as décadas de 1930 e 1960. Assim uma epistemologia mais integralista para esse campo de investigações é desejável.

Adicionalmente, acredita-se que uma ciência “galiléica” que vai além da predição de comportamentos com base na mera categorização de indivíduos e estímulos requer a integração de teorias, evidências e metodologias de modo a dar conta das complexas relações inerentes ao fenômeno da autoconsciência. Avanços tecnológicos e metodológicos oferecem, hoje, uma riqueza de possibilidades de investigação e de dados sobre a autoconsciência. A integração destas metodologias e evidências é o principal desafio que se coloca diante dos pesquisadores da área.

Referências

- Angell, J. R. (1913). Behavior as a category of psychology. *Psychological Review*, 20(4), 255-270.
- Auzoult, L. (2013). A French version of the situational self-awareness scale. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée/European Review of Applied Psychology*, 63(1), 41–47.
- Baars, B. J. (2001). In the theater of consciousness: the workspace of the mind. London: Oxford University Press.
- Baldwin, J. M. (1913). *History of psychology: A sketch and an interpretation* (Vol. 1). London: Watts.
- Bermúdez, J. L. (1998). *The paradox of self-consciousness*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Blanke, O., & Metzinger, T. (2009). Full-body illusions and minimal phenomenal selfhood. *Trends in Cognitive Sciences*, 13(1), 7-13.
- Burnkrant, R. E., & Page Jr., T. J. (1984). A Modification of the Fenigstein, Scheier, and Buss Self-Consciousness Scales. *Journal of Personality Assessment*, 48(6), 629–637.
- Carrara, K. (2005). *Behaviorismo Radical: Crítica e Metacrítica*. São Paulo: Editora Unesp.
- Cooley, C. H. (1907). Social Consciousness. *American Journal of Sociology*, 12(5), 675.
- Cramer, K. M. (2000). Comparing the Relative Fit of Various Factor Models of the Self-Consciousness Scale in Two Independent Samples. *Journal of Personality Assessment*, 75(2), 295–307.
- Creed, A. T., & Funder, D. C. (1999). Shining the light on private self-consciousness: a response to Silvia (1999). *European Journal of Personality*, 13(6), 539-542.
- Critchley, H., & Seth, A. (2012). Will Studies of Macaque Insula Reveal the Neural Mechanisms of Self-Awareness? *Neuron*, 74(3), 423–426.
- DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2008). Fenomenologia naturalizada: o estatuto husserliano e as ciências cognitivas. *Geraias: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1(2), 136-147.
- DeCastro, T. G. de, & Gomes, W. B. (2011). Autoconsciência e ambiguidade perceptual cinestésica: experimento fenomenológico. *Psicologia Em Estudo*, 16(2), 279–287.

- Duval, S. & Wicklund, R. A. (1972). *A Theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Duval, S., & Wicklund, R. A. (1973). Effects of objective self-awareness on attribution of causality. *Journal of Experimental Social Psychology*, 9(1), 17–31.
- Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Satpute, A. B. (2005). Personality from a controlled processing perspective: An fMRI study of neuroticism, extraversion, and self-consciousness. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, 5(2), 169–181.
- Eichstaedt, J., & Silvia, P. J. (2003). Noticing The Self: Implicit Assessment Of Self-focused Attention Using Word Recognition Latencies. *Social Cognition*, 21(5), 349–361.
- Fenigstein, A., & Vanable, P. A. (1992). Paranoia and self-consciousness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(1), 129–138.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43(4), 522–527.
- Ferreira, A. A. L. (2008). O múltiplo surgimento da psicologia. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.), *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (pp. 13-46). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Flanagan, O. (1994). *Consciousness reconsidered*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Gallagher, S. & Zahavi, D. (2015). Phenomenological Approaches to Self-Consciousness. E. N. Zalta (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2015/self-consciousnessphenomenological/>>.
- Govern, J. M., & Marsch, L. A. (2001). Development and Validation of the Situational Self-Awareness Scale. *Consciousness and Cognition*, 10, 366–378.
- Grant, A. M., Franklin, J., & Langford, P. (2002). The Self-reflection and Insight Scale: A New Measure of Private Self-consciousness. *Social Behavior and Personality*, 30(8), 821–835.
- Gschwendner, T., Hofmann, W., & Schmitt, M. (2006). Synergistic Moderator Effects of Situation and Person Factors of Awareness and Adjustment on the Consistency of Implicit and Explicit Attitudes. *Journal of Individual Differences*, 27(1), 47–56.
- Heine, S. J., Takemoto, T., Moskalkenko, S., Lasaleta, J., & Henrich, J. (2008). Mirrors in the Head: Cultural Variation in Objective Self-Awareness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(7), 879–887.

- Hohwy, J. (2007). The sense of self in the phenomenology of agency and perception. *Psyche (Stuttgart)*, 13(1), 1-20.
- James, W. (1996). *Essays in radical empiricism*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press. (Original publicado em língua inglesa em 1904)
- James, W. (2007). *The principles of psychology* (Vol. 1). New York: Cosimo Classics. (Original publicado em língua inglesa em 1890)
- Kircher, T., & David, A. S. (2003). Self-consciousness: an integrative approach from philosophy, psychopathology and the neurosciences. In T. Kircher & A. David (Eds.), *The Self in Neuroscience and Psychiatry*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Liu, X.-F., Shao, Y.-C., Yang, Y.-B., Wu, S.-J., Yang, H., Wang, W., & Xiao, W. (2009). The validity and reliability of the revised Chinese version of the Situational Self-Awareness Scale. *Social Behavior and Personality*, 37(6), 743–752.
- McKenzie, K. S., & Hoyle, R. H. (2008). The Self-Absorption Scale: Reliability and validity in non-clinical samples. *Personality and Individual Differences*, 45(8), 726–731.
- Mead, G. H., & Morris, C. W. (1967). *Mind, Self, and Society*. The University of Chicago press.
- Mora, J. F. (2008). *Diccionario de filosofia abreviado*. Barcelona: Edhasa.
- Morin, A. (2004). A Neurocognitive and Socioecological Model of Self-Awareness. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 130(3), 197–224.
- Morin, A. (2006). Levels of consciousness and self-awareness: A comparison and integration of various neurocognitive views. *Consciousness and Cognition*, 15(2), 358–371.
- Morin, A. (2011). Self-Awareness Part 1: Definition, Measures, Effects, Functions, and Antecedents. *Social and Personality Psychology Compass*, 5(10), 807–823.
- Morrin, A. (2005). Possible Links Between Self-Awareness and Inner Speech. Theoretical background, underlying mechanisms, and empirical evidence. *Journal of Consciousness Studies*, 12(4), 115-134.
- Nagel, T. (1974). What is it like to be a bat? *The Philosophical Review*, 83(4), 435-450.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo*. Tese de doutorado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

- Overgaard, M. (2001). The role of phenomenological reports in experiments on consciousness. *Phicology, 12*(29), 1-13.
- Rochat, P. (2003). Five levels of self-awareness as they unfold early in life. *Consciousness and Cognition, 12*(4), 717-731.
- Sandberg, K., Timmermans, B., Overgaard, M., & Cleeremans, A. (2010). Measuring consciousness: Is one measure better than the other? *Consciousness and Cognition, 19*(4), 1069–1078.
- Sedikides, C. (1992). Mood as a determinant of attentional focus. *Cognition & Emotion, 6*(2), 129–148.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). The Self-Consciousness Scale: A Revised Version for Use with General Populations¹. *Journal of Applied Social Psychology, 15*(8), 687-699.
- Silvia, P. J. (1999). Explaining Personality or Explaining Variance? A Comment on Creed and Funder (1998). *European Journal of Personality, 13*, 533-538.
- Silvia, P. J., & Duval, T. S. (2001). Objective Self-Awareness Theory: Recent Progress and Enduring Problems. *Personality and Social Psychology Review, 5*(3), 230–241.
- Silvia, P. J., Jones, H. C., Kelly, C. S., & Zibaie, A. (2011). Masked first name priming increases effort-related cardiovascular reactivity. *International Journal of Psychophysiology, 80*(3), 210–216.
- Striegel-Moore, R. H., Silberstein, L. R., & Rodin, J. (1993). The social self in bulimia nervosa: Public self-consciousness, social anxiety, and perceived fraudulence. *Journal of Abnormal Psychology, 102*(2), 297–303.
- Trapnell, P. D, & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the five-factor model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*, 284-304.
- Vogele, K., May, M., Ritzl, A., Falkai, P., Zilles, K., & Fink, G. R. (2004). Neural Correlates of First-Person Perspective as One Constituent of Human Self-Consciousness. *Journal of Cognitive Neuroscience, 16*(5), 817–827.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review, 20*(2), 158-177.
- Wicklund, R. A. (1979). The influence of self-awareness on human behavior: The person who becomes self-aware is more likely to act consistently, be faithful to societal norms, and give accurate reports about himself. *American Scientist, 187*-193.
- Wicklund, R. A., & Duval, S. (1971). Opinion change and performance facilitation as a result of objective self-awareness. *Journal of Experimental Social Psychology, 7*(3), 319–342.

- Wicklund, R., & Gollwitzer, P. (1987). The fallacy of the private-public self-focus distinction. *Journal of Personality*, *55*, 491-523.
- Wiekens, C. J., & Stapel, D. A. (2010). Self-Awareness and Saliency of Social Versus Individualistic Behavioral Standards. *Social Psychology*, *41*(1), 10-19.
- Wright, C. (1873). Evolution of self-consciousness. In C.E. Norton (Ed.), *Philosophical discussions by Chauncey Wright* (pp. 199-266). New York: Lennox Hill.
- Zahavi, D. (2006). *Subjectivity and selfhood: investigating the first-person perspective*. Cambridge, MA: MIT Press.

ARTIGO 2

Adaptação da Situational Self-Awareness Scale em Adultos Brasileiros

DANIEL RODRIGUES ECHEVARRIA

Universidade Federal do Pampa

THIAGO GOMES DE CASTRO

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

A Situational Self-Awareness Scale (SSAS) é um instrumento que avalia estados momentâneos e transitórios da atenção voltada para o próprio self. A medida tem sido aplicada em contextos experimentais de manipulação atencional. O presente artigo relata a adaptação e investigação de propriedades psicométricas da versão traduzida da SSAS. Uma amostra composta por 169 adultos brasileiros, com média de idade de 34,6 anos (DP =10,3 anos) sendo 71,6% de mulheres, responderam à versão traduzida da SSAS e outras duas medidas de autoconsciência disposicional. Os resultados evidenciaram a retenção de três fatores na análise fatorial exploratória, a solução obteve variância explicada de 70,4% e índices adequados de ajuste do modelo trifatorial. O estudo de validação concorrente indicou independência entre o constructo e as outras medidas disposicionais de autoconsciência. A análise de fidedignidade teste-reteste sinalizou estabilidade razoável da versão traduzida. As propriedades psicométricas da versão brasileira corroboram a solução fatorial do instrumento original.

Palavras-chave: autopercepção; análise fatorial exploratória; avaliação psicológica.

ABSTRACT

The Situational Self-awareness Scale (SSAS) is a tool that evaluates transitory, momentaneous states of attention directed towards one's own self. This measurement has been used in the context of experimental attention manipulation. The current paper reports the adaptation and investigation of the psychometric properties of the translated version of the SSAS. A sample composed of 169 Brazilian adults, with mean age of 34.6 years old (SD = 10.3), 71.6% women, responded to the translated version of the SSAS and two other measures of dispositional self-consciousness. Results show that there is retention of three factors in the exploratory factor analysis, the solution explained 70.4% total variance and adequate adjustment coefficients for the tri-factor

model. The concurrent validation study pointed to independence of construct and in relation to other dispositional measures of self-consciousness. Test-retest reliability analysis indicated reasonable stability of the translated version. The psychometric properties of the Brazilian version confirm the factor solution of the original instrument. Keywords: self-awareness; exploratory factor analysis; psychological evaluation.

Introdução

A operacionalização da variável autoconsciência para a pesquisa psicológica remete a uma variedade de construtos, desde a autopercepção até a meta-autoconsciência (Morris, 2006). As discussões na literatura sobre a forma de operacionalização da autoconsciência incluem, tradicionalmente, abordagens situacionais e disposicionais. A autoconsciência situacional (*self-awareness*) seria um estado em que o indivíduo volta sua atenção consciente para si próprio (o *self*) ao invés do ambiente físico à sua volta (Mead, 1934). Segundo a teoria da autoconsciência objetiva (Duval & Wicklund, 1972), esse estado de autoconsciência transitório pode ser induzido através de estímulos ou situações que promovam o direcionamento atencional para si, tais como espelhos, câmeras ou gravações da própria voz do indivíduo.

A autoconsciência disposicional, por sua vez, aborda a autoconsciência como um traço individual, uma tendência persistente de focar a atenção em si mesmo (Fenigstein, Scheier, & Buss, 1975). A autoconsciência disposicional (*self-consciousness*) não é em um estado momentâneo provocado por estímulos ou situações específicas. A abordagem disposicional foi responsável pela criação da distinção entre a autoconsciência pública, na qual a consciência se foca nos aspectos socialmente visíveis do *self* como a aparência e a conduta, e a autoconsciência privada, em que o foco da consciência são aspectos internos do *self*, como pensamentos e emoções (Carver & Scheier, 1978).

Apesar do modelo de autoconsciência situacional ser anterior ao modelo disposicional de traço, é apenas com esse último que surgem medidas para mensurar a autoconsciência, tais como a *Self-Consciousness Scale* (SCS) (Fenigstein *et al.*, 1975), o *Rumination-Reflection Questionnaire* (RRQ) (Trapnell & Campbell, 1999) e a *Self-reflection and Insight Scale* (SRIS) (Grant, Franklin, & Langford, 2002). Esforços para investigar a autoconsciência situacional ocorreram de forma mais restrita, sem uma medida capaz de quantificá-la nas décadas de 1970 e 1980, utilizando manipulações experimentais da autoconsciência e inferindo sua ativação através de respostas imediatas (*e.g.* Duval & Wicklund, 1971).

Exemplos de estudos sobre a autoconsciência situacional nesse contexto incluem a investigação das correlações entre o estado autoconsciente e o desempenho ou atitudes em determinadas situações, tais como: avaliação da acurácia de autorrelatos (Gibbons, 1983; Pryor, Gibbons, Wicklund, Fazio, & Hood, 1977; Scheier, Buss, & Buss, 1978), autoconhecimento (Silvia & Gendolla, 2001), percepção social (Macrae, Bodenhausen, & Milne, 1998), conformidade social (Kallgren, Reno, & Cialdini, 2000; Wicklund & Duval, 1971), transgressão (Beaman, Diener, & Klentz, 1979), obediência à autoridade (Froming, Walker, & Lopyan, 1982), consistência entre atitudes e comportamento (Gibbons, 1978; Silvia & Gendolla, 2001), e comportamento pró-social (Berkovitz, 1987; Duval, Duval & Neely, 1979; Froming, Nasby, & McManus, 1998; Gibbons & Wicklund, 1982).

Na última década, as pesquisas em autoconsciência situacional examinaram de que forma estímulos e situações, para além das manipulações tradicionais, influenciavam a autoconsciência situacional. Características culturais (Heine, Takemoto, Moskaleiko, Lasaleta, & Henrich, 2008), *priming* com pronomes em primeira pessoa (Wiekens & Stapel, 2010), uso de redes sociais (Gonzales & Hancock, 2011) e pensamento religioso (Gervais & Norenzayan, 2012) correlacionaram com alterações no estado de autoconsciência, indicando que estímulos cotidianos e prevalentes podem interferir nos processos autoconscientes em diversas situações.

Ainda que os estudos citados tenham explorado a associação entre contextos específicos e a manifestação do estado autoconsciente, a operacionalização da variável situacional de autoconsciência raramente incluiu sua mensuração direta ou quando o fez, foi de forma pontual (Wegner & Giuliano, 1980; Wiekens & Stapel, 2010; Sedikides, 1992) sem ampla adoção dos instrumentos e adaptação para outras línguas e culturas. Por outro lado, as pesquisas que se basearam em um referencial disposicional de autoconsciência avançaram para uma padronização e refinamento dos traços de autoconsciência como medidas quantificáveis, disponíveis em diversos países e idiomas (e.g. Zanon e Teixeira, 2006). As medidas disposicionais, contudo, não são sensíveis à interferência de aspectos situacionais sobre a consciência do próprio *self*.

Com o intuito de mensurar a autoconsciência situacional, foi construída e validada a *Situational Self-awareness Scale* (SSAS) (Govern & Marsch, 2001). A SSAS é constituída por três fatores: a autoconsciência situacional privada (ASPR), a autoconsciência situacional pública (ASPU) e a consciência situacional do ambiente (CSA), que mede o quão consciente os respondentes estão dos arredores imediatos e

objetos à sua volta. O instrumento vem sendo utilizado em pesquisas sobre manipulações do foco atencional pela internet e em contextos experimentais grupais (Silvia & Eichstaedt, 2004), na investigação da relação entre autoconsciência e sensações corporais relativas à respiração (Petersen & Ritz, 2011) e o envolvimento da atividade do córtex prefrontal e o sentido de *self* (Gruberger et al., 2015).

A SSAS foi adaptada e validada para as populações chinesa (Liu et al., 2009) e francesa (Auzoult, 2013) obtendo bons índices de consistência interna e replicando a estrutura trifatorial da escala original. Embora uma escala de autoconsciência situacional exista no Brasil – Escala de Autoconsciência Situacional (EAS) (Nascimento e Roazzi, 2013) – esta não é uma adaptação da SSAS. A EAS mede outras variáveis: a mediação icônica, que é uma modalidade de mediação cognitiva (Morrin, 2006), além de reflexão e ruminação duas versões situacionais dos fatores disposicionais encontrados no RRQ (Trapnell & Campbell, 1999). Desse modo, uma escala de autoconsciência situacional, conforme operacionalizada na literatura internacional, não existe para a realidade brasileira.

O objetivo da pesquisa foi adaptar e avaliar evidências de validade fatorial da *Situational Self-awareness Scale* (Govern & Marsch, 2001) em adultos brasileiros. Foram realizados dois estudos. O primeiro apresenta o processo de adaptação do instrumento, com a descrição das propriedades psicométricas de validade fatorial exploratória e investigação de validade concorrente do instrumento adaptado. O segundo estudo examinou a fidedignidade do instrumento através do procedimento de teste-reteste.

Estudo 1

Método

Participantes

Participaram do estudo 169 adultos brasileiros (71,6% mulheres), com idade entre 18 e 64 anos ($m = 34,6$; $DP = 10,3$), residentes das regiões sul (78,7%), sudeste (13%), nordeste (7,1%) e centro-oeste (1,2%) do país. O grau de instrução dos participantes foi de pós-graduação (66,3%), ensino superior completo (26%) ou ensino médio completo (7,7%). A taxa de drop-out foi de 9,6% (amostra inicial de 187 participantes), seguindo o critério de exclusão de que os participantes deveriam ter completado, no mínimo, a EACS. O cálculo de tamanho amostral foi definido a partir da sugestão de pelo menos 20 observações por item da escala (Hair et al., 2005). Com a exclusão de alguns respondentes essa equiparação passou a 19:1. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa local, todos os participantes foram voluntários e consentiram participar através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Instrumentos

Com o objetivo de verificar a validade concorrente da EACS, a escala foi respondida pelos participantes conjuntamente a outras duas escalas de autoconsciência validadas para a população brasileira. Ainda que teoricamente convergentes em relação à mensuração de autoconsciência, as escalas incluídas medem tendências disposicionais de autoconsciência, e não situacionais como é o caso da EACS.

Questionário sociodemográfico breve: Esta seção incluiu perguntas sobre identificação, endereço eletrônico, sexo, idade, nível educacional e estado de residência do participante.

Escala de Autoconsciência Situacional (EACS): Versão traduzida da *Situational Self-awareness Scale (SSAS)* (Govern & Marsch, 2001). Seu propósito é medir o nível momentâneo e transiente de autoconsciência situacional, diferente de características disposicionais estáveis mensuradas por outras escalas de autoconsciência. É composta de nove itens em uma escala Likert de sete pontos. Possui estrutura trifatorial com três itens por fator, englobando: consciência situacional ambiental (CSA), que se refere ao quanto o indivíduo está focado nos seus arredores, no espaço físico e objetos em seu entorno; autoconsciência situacional privada (ASPR), que trata do quão focado o

indivíduo está em conteúdos do *self* privado no momento; e autoconsciência situacional pública (ASPU), que é uma medida de atenção momentânea aos aspectos públicos do *self*. Os índices de consistência interna dos fatores na versão em original em inglês foram 0,72 para CSA, 0,70 para ASPR e 0,82 para ASPU.

Escala de Autoconsciência Revisada (EAC-R) (Teixeira & Gomes, 1996): Medida de autoconsciência disposicional, constituída de 22 itens de autorrelato em escala do tipo Likert de 5 pontos. Composta por três fatores: a autoconsciência privada (APR) ($\alpha=0,62$) reflete uma tendência individual em focar a atenção em aspectos privados, internos ou íntimos do *self*, como pensamentos e emoções; autoconsciência pública (APU) ($\alpha=0,70$) se refere a uma tendência a focar a atenção em aspectos públicos do *self*, como a aparência ou a própria conduta, tal como visto pelos outros; a ansiedade social (ANS) ($\alpha=0,75$) trata do desconforto sentido por participantes ao serem observados. Os itens da escala são características ou hábitos que são classificados quanto ao grau com que representam o respondente: “Penso muito sobre mim mesmo(a)” (APR), “Eu me preocupo com o meu estilo de fazer as coisas” (APU) e “É difícil para mim trabalhar quando há alguém me olhando” (ANS).

Escala de Autorreflexão e Insight (EAI) (DaSilveira, DeCastro, & Gomes, 2012): aborda exclusivamente dois aspectos da autoconsciência disposicional privada: a autorreflexão (AR) ($\alpha=0,90$) que seria a tendência a engajar em reflexões sobre si mesmo, pensamentos, emoções e condutas, e o *insight* (IS) ($\alpha=0,83$) que se refere à capacidade de atingir um estado de compreensão sobre esses aspectos do *self* ou de acessá-los. Constituída de 20 afirmações que são classificadas pelo respondente conforme a força de concordância/discordância em uma escala Likert de 5 pontos que varia de “Discordo totalmente (0)” a “Concordo totalmente (4)”, por exemplo: “Eu frequentemente examino meus sentimentos” (AR) e “Eu normalmente sei por que me sinto da forma com que me sinto” (IS).

Tradução da Escala

A SASS foi traduzida para o português em duas versões independentes pelos pesquisadores, ambos fluentes em língua inglesa e portuguesa brasileira. As versões foram comparadas e unificadas por consenso. A versão resultante foi encaminhada a um juiz independente: um tradutor profissional nativo em língua inglesa e fluente em português, para retrotradução (*back translation*) para o inglês. A versão retrotraduzida foi comparada com a SASS (Govern & Marsch, 2001) e não foram encontradas diferenças significativas de conteúdo, forma ou conotação entre as versões.

A EACS preliminar foi aplicada em 25 estudantes em uma Universidade do Rio Grande do Sul para avaliar o grau de compreensão e de clareza dos itens da escala. Os estudantes responderam a um questionário sobre suas dificuldades em responder a escala e classificaram item por item o grau de clareza das sentenças em uma escala de 0 a 10. Com base nesse *feedback*, dois itens foram alterados, produzindo a versão apresentada na tabela 1.

O item 4 da escala foi originalmente traduzido para “Nesse instante estou autoconsciente sobre como eu pareço”, com o intuito de preservar a conotação ampla em língua inglesa que pode se referir tanto à aparência física, quanto “parecer bobo”, “parecer maluco” ou “parecer reflexivo”. Os respondentes relataram dificuldades com essa duplicidade de sentidos e o índice de clareza da afirmativa foi mais baixo que as demais, denotando uma frase incomum ou confusa. Optou-se por focar exclusivamente na aparência, visto que isso é mais consistente com outras escalas de autoconsciência adaptadas no Brasil que também medem autoconsciência pública (*e.g.* “Eu geralmente estou consciente da minha aparência” na EAC-R de Teixeira & Gomes, 1996).

O item 8 foi originalmente traduzido “Nesse momento eu estou consciente de meus pensamentos mais íntimos”. Entretanto, a palavra “íntimo” foi interpretada com conotações de secreto ou mesmo com componentes sexuais. Alguns respondentes indagaram se seria uma referência ao inconsciente, o que os tornaria não plenamente acessíveis à consciência. Optou-se então pela tradução mais literal constante da Tabela 2.

Consciência Situacional do Ambiente (CSA)

Right now, I am keenly aware of everything in my environment (1)	Nesse instante eu estou nitidamente consciente de tudo em meu ambiente (1)
Right now, I am conscious of what is going on around me (5)	Nesse instante eu estou consciente do que está acontecendo ao meu redor (5)
Right now, I am conscious of all objects around me (9)	Nesse instante eu estou consciente de todos os objetos ao meu redor (9)

Autoconsciência Situacional Privada (ASPR)

Right now, I am conscious of my inner feelings (2)	Nesse instante eu estou consciente dos meus sentimentos internos (2)
Right now, I am reflective about my life (6)	Nesse instante eu estou reflexivo sobre a minha vida (6)
Right now, I am aware of my innermost thoughts (8)	Nesse instante eu estou consciente dos meus pensamentos mais profundos (8)

Autoconsciência Situacional Pública (ASPU)

Right now, I am concerned about the way I present myself (3)	Nesse instante eu estou preocupado com o modo como me apresento (3)
Right now, I am self-conscious about the way I look (4)	Nesse instante eu estou autoconsciente sobre minha aparência (4)
Right now, I am concerned about what other people think of me (7)	Nesse instante eu estou preocupado com o que as outras pessoas pensam de mim (7)

TABELA 2 – Itens da *SSAS* de Govern e Marsch (2001) e itens traduzidos da EACS
Procedimentos de Coleta

A coleta de dados foi feita via *internet* através da plataforma Qualtrics[®], entre os meses de julho e agosto de 2015. O *link* ao questionário da pesquisa foi disponibilizado por listas de e-mails, plataformas sociais e contato direto, solicitando que os participantes divulgassem a pesquisa para suas redes de contatos. Após ler a descrição e aceitar os termos de participação na pesquisa, era disponibilizada uma cópia digital do TCLE para os participantes. Em seguida os participantes responderam ao questionário sociodemográfico breve e às três escalas de autoconsciência, que foram randomizadas pela plataforma online. Devido à alta homogeneidade dos participantes em relação à região de residência, predominantemente do estado Rio Grande do Sul, a coleta foi suspensa por uma semana para que os convites de participação fossem direcionados a listas de contatos de outros estados brasileiros. A intenção foi qualificar o processo de

validação de forma a torna-lo mais representativo da heterogeneidade populacional do Brasil. Com essa medida foi possível obter uma distribuição populacional por região semelhante a outros processos de validação de escalas de autoconsciência para população brasileira (DaSilveira, DeCastro, & Gomes, 2011; 2012).

Análise dos Dados

Os dados foram tabulados e analisados através do software IBM SPSS® 17.0. A estrutura da EACS foi verificada através de redução fatorial por componentes principais com rotação Varimax. O método Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett foram usados para determinar a adequação do modelo. Estipulou-se um *eigenvalue* mínimo de um como ponto de corte para os fatores extraídos. O cálculo do *alpha* de Cronbach dos foi utilizado para verificar a consistência interna dos fatores extraídos. A independência de construto foi analisada através do exame de intercorrelações entre os fatores da EACS. A validação concorrente envolveu a verificação da existência de relações teoricamente esperadas, conduzida através da análise das correlações (*r* de Pearson), entre os fatores da EACS, EAC-R e EAI. A interferência das demais variáveis nos resultados da EACS foi investigada utilizando teste *t* para checar diferenças entre os sexos. *One-way* ANOVA foi usada com o mesmo fim para a região de residência, nível educacional, a ordem de resposta às escalas e a faixa etária. Para análise de interferência etária os participantes foram categorizados em quartis homogêneamente distribuídos quanto ao número de participantes (1º quartil: 18-27 anos; 2º quartil: 28-32 anos; 3º quartil: 33-41 anos e; 4º quartil: 42 anos ou mais), realizando-se testagem *post-hoc* LSD para análise de diferenças entre os quartis.

Resultados

A matriz dos dados da EACS indicou possibilidade de fatoração. O índice KMO foi adequado (0,731) e o teste de esfericidade de Bartlett resultou em valor significativo ($X^2=418,50$, $gl=36$, $p < 0,001$). A análise fatorial extraiu uma solução inicial de três fatores. Os três fatores retidos obtiveram índice *eigenvalue* acima de 1.0, e explicaram cumulativamente 66,4% da variância da escala. Os fatores 1, 2 e 3 explicaram, respectivamente, 33,54%, 20,05% e 12,81% da variância. Esta solução trifatorial foi consistente com a solução obtida na versão original da escala (Govern & Marsch, 2001). As cargas fatoriais dos itens da escala bem como seu grau de comunalidade são apresentados na Tabela 3.

TABELA 3 – Cargas fatoriais e índices de comunalidade dos itens da EACS.

Item da EACS	Carga fatorial por componente ^a			Comunalidade
	1	2	3	
5	,844			,724
1	,800			,661
9	,774			,625
2	,673			,467
6		,855		,744
8		,692		,649
7		,578	,573	,731
3			,846	,754
4	,415		,610	,621

^a rotação Varimax. Índices abaixo de 0,3 suprimidos.

Os fatores 1, 2 e 3 da solução fatorial correspondem, respectivamente, aos fatores CSA, ASPR e ASPU. Observou-se que o item 2 da EACS carregou no fator 1 (CSA) quando o esperado é que carregasse no fator 2 (ASPR), junto aos itens 6 e 8. A inclusão desse item no fator 1 não é teoricamente coerente. O item também apresentou comunalidade baixa, enquanto os demais obtiveram índices aceitáveis. A partir dessa discrepância realizou-se um ensaio de análise fatorial exploratória sem o item 2, o que produziu uma solução fatorial com uma variância cumulativa explicada mais consistente (70,37%) e a um aumento global da comunalidade dos itens da escala. A estrutura trifatorial foi mantida, bem como a adequação do KMO (0,698) e significância do teste de esfericidade de Bartlett ($X^2=365,76$, $gl=28$, $p < 0,001$).

A análise de consistência interna dos fatores reforçou a exclusão do item 2. Quando calculado o *alpha* do CSA com o item 2, como sugere a carga fatorial, a consistência obtida foi de .80, excluindo esse item o *alpha* passa a .82. Além disso, a simulação de inclusão do item 2 no fator 2 (ASPR), conforme previsto na escala original, resultou em um *alpha* de .56. Sem este item, considerando apenas os itens 6 e 8 que carregaram adequadamente no fator, o *alpha* passou a .65. Índice elevado considerando que o fator só possui dois itens. Nessas circunstâncias optou-se pela exclusão do item 2 da escala e as análises de correlação que seguem foram realizadas considerando apenas os itens 6 e 8 como componentes da ASPR. O fator 3 (ASPU),

composto pelos itens 3, 4 e 7, não alcançou um índice de consistência adequado ($\alpha=.52$).

O exame das correlações entre os fatores da EACS indicou razoável independência das medidas. CSA correlacionou-se de forma fraca, mas significativa com ASPR ($r=.288$, $p < 0,01$) e ASPU ($r=.177$, $p < 0,05$), assim como ASPR com ASPU ($r=.302$, $p < 0,01$). Esses resultados são comparáveis com o estudo de validação original da escala em inglês (Govern & Marsch, 2001), que indicam associação entre as variáveis, mas independência de construtos.

As correlações dos fatores da EACS com os fatores das escalas EAC-R e EAI estão descritas na Tabela 4. As medidas situacionais privada e pública da EACS correlacionaram-se de modo fraco a moderado, mas com significância estatística, com suas respectivas medidas disposicionais da EAC-R. Note-se que a correlação entre ASPU e AS é teoricamente admissível, visto que o fator da ansiedade social é associado com os aspectos públicos da autoconsciência disposicional. A correlação negativa observada entre CSA e AR se justifica pela função inversa entre um construto que se propõe medir consciência situacional do ambiente (*subjective self-awareness*) e outro que avalia uma tendência à consciência do *self* como objeto. Portanto, focos atencionais distintos e teoricamente antagônicos (Duval & Wicklund, 1975).

Tabela 4 – Correlações entre os fatores da EACS e fatores disposicionais da EAC-R e EAI

	ACpr	ACpu	AS	AR	IN
CSA	.066	.095	-.049	-.235**	.095
ASPR	.266**	.116	.028	.147	-.073
ASPU	.146	.437**	.172*	.089	-.117

* significativo ao nível de 0,05

** significativo ao nível de 0,01

Não foram verificadas diferenças significativas entre os escores de homens e mulheres em nenhum dos fatores da EACS. A região de residência dos participantes e o nível educacional tampouco produziram diferenças relevantes. A ANOVA revelou diferenças significativas em CSA em relação à idade [$F(3, 162)=3,547$, $p=0,16$], a testagem *post-hoc* (Fisher LSD) indicou que os participantes mais velhos tinham escores mais elevados de CSA, mas a diferença entre as médias foi seletiva, sendo significativa apenas entre o grupo mais jovem (18-27 anos) e o mais velho (42+). A

ordem em que os participantes responderam as escalas não produziu diferenças estatísticas.

Estudo 2

Método

Participantes

A amostra de reteste foi composta por 76 participantes do Estudo 1, que haviam completado a EACS, perfazendo 44,97% da amostra original. As características sociodemográficas foram semelhantes: 76,3% do sexo feminino, com idades que variaram entre 20 e 64 anos ($m=36,3$, $DP=10,6$), residentes das regiões sul (82,9%), sudeste (9,2%), nordeste (5,3%) e centro-oeste (2,6%). A maioria dos participantes possui nível educacional de pós-graduação (75,0%) e o restante dos participantes tem formação de nível superior (18,4%) ou médio (6,6%). O intervalo médio entre a aplicação da EACS no t1 e t2 foi de 45 dias ($m=44,8$, $DP=18,8$).

Instrumentos

Foi utilizada a EACS, aplicada *on-line* através da plataforma Qualtrics®. Os dados foram exportados para o SPSS, limpos e cruzados com os escores dos participantes no t1. O tempo médio de resposta dos participantes nesse segundo estudo foi de aproximadamente 3 minutos.

Análise dos Dados

Os índices de confiabilidade teste-reteste dos fatores da EACS, considerando t1 e t2, foram calculados por correlação de Pearson para os três fatores da escala, acompanhados de teste *t* pareado e cálculo do tamanho de efeito (*d* de Cohen).

Resultados

O fator CSA apresentou correlação fraca no teste-reteste, mas significativa ($r = .359$, $p < .001$). As diferenças entre as médias não foram significativas e o tamanho de efeito foi baixo [$t(75) = 1,376$, $p = ,17$, $d = 0,16$]. A ASPR obteve uma correlação moderada ($r = .417$, $p < .001$), com diferenças entre as aplicações não significativas e tamanho de efeito reduzido [$t(74) = 0,098$, $p = .92$, $d = -0,003$]. A ASPU correlacionou-se de forma moderada entre o t1 e o t2 ($r = .514$, $p < .001$) e também apresentou diferenças não significativas nas médias de teste e reteste e um tamanho de efeito

pequeno [$t(72) = -1,654, p = .10, d = -0,17$]. Esses resultados indicam a correlação entre as aplicações e uma estabilidade razoável entre as médias obtidas nos dois momentos.

Discussão

As evidências levantadas no presente estudo de validação reproduziram a estrutura trifatorial original (Govern & Marsch, 2001), o que também foi observado nas populações chinesa (Liu et al., 2009) e francesa (Auzoult, 2013). Com isto é possível concluir que os componentes básicos da EACS são relativamente estáveis entre diferentes culturas. Em uma escala pequena com apenas três itens por fator (dois, no caso da ASPR após exclusão do item 2), estes resultados apontaram para uma razoável estabilidade estrutural e, aliados a elevados índices de comunalidade, bons indícios de validade de construto. Embora os índices gerais da análise fatorial exploratória tenham sido suficientes, a análise de consistência interna dos fatores evidenciou alguns problemas.

Tanto a ASPR quanto a ASPU obtiveram escores não adequados de consistência interna. A ASPR inicialmente apresentou um índice de .56, mas com a eliminação do item 2 a consistência do fator privado foi elevada para de .65. Por outro lado, o fator público, que apresentou um *alpha* de .52, não pode ser corrigido sem que isso resultasse em uma alteração significativa na estrutura da escala. De forma semelhante, a versão francesa da escala obteve baixa consistência interna para a ASPU, com *alpha* de .50 (Auzoult, 2013).

Uma explicação possível para as dificuldades encontradas com o item 2 da EACS está na sua tradução, que pode ter adquirido significado diferente do pretendido na afirmativa original da escala. A frase “Nesse instante, estou consciente dos meus sentimentos internos” buscou preservar a expressão em inglês *innermost feelings* do instrumento original. A tradução para “sentimentos internos”, porém, pode ter chamado a atenção para aspectos espaciais (propriocepção × exterocepção) e não conteúdos privados do *self*. Na aplicação da versão preliminar do presente estudo, com estudantes de graduação, não foram relatados problemas de compreensão que indicassem a necessidade de alteração da escrita gerada pelo processo de tradução/retrotradução. A versão francesa do instrumento (Auzoult, 2013) omitiu a referência ao lugar “interno”, adotando simplesmente “*À cet instant, je suis conscient de mes sentiments*”. No instrumento francês o item obteve carga fatorial adequada no fator esperado.

Possivelmente essa solução poderia gerar resultados semelhantes de ajuste do item ao fator esperado na versão em português.

A CSA é uma medida de atenção voltada para o ambiente (*subjective self-awareness*) que, segundo a teoria da autoconsciência objetiva (Duval & Wicklund, 1972), é dicotômica e concorrente à tomada do *self* como objeto da consciência (*objective self-awareness*). É de se esperar, portanto, que uma elevada atenção voltada para o *self*, seja ASPR ou ASPU, se correlacione inversamente com CSA. Isto não foi encontrado no presente estudo, tampouco nas adaptações anteriores (Auzoult, 2013; Liu et al., 2009) ou na elaboração do instrumento original (Govern & Marsch, 2001). Esta diferença entre os achados empíricos e a teoria de Duval e Wicklund, até onde se tem conhecimento, ainda não foi discutida.

O mesmo seria esperado das variantes disposicionais da autoconsciência, uma tendência a focar a atenção em si mesmo deveria estar inversamente correlacionada com a atenção voltada para o ambiente. Essa hipótese foi corroborada apenas através da correlação negativa entre CSA e AR. A correlação inversa entre esses fatores sugere que apenas nos casos em que a atenção focada no *self* é pouco adaptativa, como no caso da AR, há uma competição relevante por recursos atencionais entre *self* e ambiente. Pesquisas subsequentes podem investigar a interferência de processos autorreflexivos desadaptativos sobre a redução da consciência situacional do ambiente. Ainda, há a possibilidade de investigar como estímulos que ampliem a CSA possam alterar a dinâmica autorreflexiva desadaptativa.

Quanto às demais relações entre as medidas situacionais e disposicionais, a análise concorrente determinou uma correlação significativa entre a ASPR e seu equivalente disposicional, a ACpr, e entre a ASPU e sua variante disposicional, a ACpu. Também foi verificada uma correlação entre ASPU e AS, o que teoricamente seria esperado, tendo em vista que a AS pode ser considerada uma modalidade de autoconsciência pública (Duval & Wicklund, 1972).

Ressaltam-se os bons índices de validade da subescala CSA da EACS. A inclusão de uma medida de consciência dos arredores por Govern e Marsch (2001) possibilitou a quantificação de um aspecto ainda pouco explorado na literatura de autoconsciência. Mais estudos que investiguem a interação entre CSA, medidas atencionais e autoconsciência de desempenho são sugeridos. Moskalenko e Heine (2003) já exploram algumas dessas relações, mas se desconhece estudos que usem CSA como medida específica. Além disso, a disponibilidade de uma medida de consciência

situacional do ambiente, sucinta e confiável, pode ser útil em contextos experimentais que avaliem atenção e memória.

O estudo fatorial exploratório apresentou limitações quanto a idade dos participantes. A amostra brasileira é mais velha e mais heterogênea do que as das adaptações anteriores e da escala original (Auzoult, 2013; Govern & Marsch, 2001; Liu et al, 2009), que em geral recrutaram alunos universitários jovens para seus estudos. Isso deve ser levado em consideração nas comparações entre a validação e adaptações do instrumento. Ainda que mais heterogênea, a amostra utilizada para a análise fatorial exploratória da EACS não foi probabilística e a distribuição dos questionários on-line via redes sociais pode ter gerado um viés de seleção.

Os autores da escala original apresentavam preocupação com o efeito da exposição de um instrumento longo sobre a ativação não intencional da autoconsciência situacional. Por isso criaram um instrumento breve. Em nosso estudo alguns participantes foram expostos a outras medidas explícitas de autoconsciência antes da EACS, mas essa exposição não produziu interferência nos escores, conforme indicado pela ANOVA. Vale ressaltar que a autoconsciência situacional é transitória e contingente por definição. Visto que os participantes não estavam sujeitos a nenhuma manipulação experimental, no teste e no reteste, o esperado é que variáveis ambientais tenham sido as principais fontes de variação nos resultados. Com esta ressalva, consistência significativa foi observada indicando que, embora situacional, a EACS é capaz de aferir alguma estabilidade intra-sujeito. Adicionalmente, a ausência de diferenças significativas nas médias entre o t1 e t2 demonstram estabilidade da medida quando as condições são semelhantes, um dado relevante para uma escala situacional.

Um controle mais rigoroso de variáveis intervenientes não foi possível, visto que a pesquisa ocorreu *on-line* e os participantes podem ter sido submetidos a estímulos ambientais distintos nas duas aplicações. Além disso, o intervalo médio entre o t1 e o t2 foi considerável, fator que pode ter reduzido os índices de correlação, e no caso da autoconsciência situacional esse efeito pode ser ainda maior. Finalmente, recomendam-se estudos adicionais utilizando a EACS em um contexto aplicado para avaliar a sensibilidade do instrumento.

Referências

- Auzoult, L. (2013). A French version of the situational self-awareness scale. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée/European Review of Applied Psychology*, 63(1), 41–47.
- Beaman, A. L., Klentz, B., Diener, E., & Svanum, S. (1979). Self-awareness and transgression in children: Two field studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(10), 1835–1846.
- Berkowitz, L. (1987). Mood, self-awareness, and willingness to help. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(4), 721–729.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1978). Self-focusing effects of dispositional self-consciousness, mirror presence, and audience presence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36(3), 324–332.
- Da Silveira, A. D. C., De Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Adaptação da Escala de Autoabsorção para adultos brasileiros. *Interação em Psicologia*, 15(1), 1–10.
- DaSilveira, A. C., DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2012). Escala de Autorreflexão e Insight: nova medida de autoconsciência adaptada e validada para adultos brasileiros. *Psico*, 43(2), 155–162.
- Duval, S. & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self awareness*. Oxford, England: Academic Press.
- Duval, S., Duval, V. H., & Neely, R. (1979). Self-focus, felt responsibility, and helping behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(10), 1769–1778.
- Froming, W. J., Nasby, W., & McManus, J. (1998). Prosocial self-schemas, self-awareness, and children's prosocial behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(3), 766–777.
- Froming, W. J., Walker, G. R., & Lopyan, K. J. (1982). Public and private self-awareness: When personal attitudes conflict with societal expectations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 18(5), 476–487.
- Gervais, W. M., & Norenzayan, A. (2012). Like a camera in the sky? Thinking about God increases public self-awareness and socially desirable responding. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48(1), 298–302.
- Gibbons, F. X. (1978). Sexual standards and reactions to pornography: Enhancing behavioral consistency through self-focused attention. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36(9), 976–987.

- Gibbons, F. X. (1983). Self-attention and self-report: The “veridicality” hypothesis. *Journal of Personality*, *51*(3), 517–542.
- Gibbons, F. X., & Wicklund, R. A. (1982). Self-focused attention and helping behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, *43*(3), 462–474.
- Gonzales, A. L., & Hancock, J. T. (2011). Mirror, Mirror on my Facebook Wall: Effects of Exposure to Facebook on Self-Esteem. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *14*(1-2), 79–83.
- Govern, J. M., & Marsch, L. A. (2001). Development and Validation of the Situational Self-Awareness Scale. *Consciousness and Cognition*, *10*(3), 366–378.
- Gruberger, M., Levkovitz, Y., Hendler, T., Harel, E. V., Harari, H., Ben Simon, E., ... Zangen, A. (2015). I think therefore I am: Rest-related prefrontal cortex neural activity is involved in generating the sense of self. *Consciousness and Cognition*, *33*, 414–421.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. A. S. SantAnna & A. C. Neto (Trad.). Porto Alegre: Bookman.
- Heine, S. J., Takemoto, T., Moskaleiko, S., Lasaleta, J., & Henrich, J. (2008). Mirrors in the Head: Cultural Variation in Objective Self-Awareness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *34*(7), 879–887.
- Kallgren, C. A., Reno, R. R., & Cialdini, R. B. (2000). A Focus Theory of Normative Conduct: When Norms Do and Do not Affect Behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *26*(8), 1002–1012.
- Liu, X.-F., Shao, Y.-C., Yang, Y.-B., Wu, S.-J., Yang, H., Wang, W., & Xiao, W. (2009). The validity and reliability of the revised Chinese version of the Situational Self-Awareness Scale. *Soc Behav Personal*, *37*(6), 743–752.
- Macrae, C. N., Bodenhausen, G. V., Milne, A. B., Castelli, L., Schloerscheidt, A. M., & Greco, S. (1998). On Activating Exemplars. *Journal of Experimental Social Psychology*, *34*(4), 330–354.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, Self, and Society*. The University of Chicago Press.
- Morin, A. (2011). Self-Awareness Part 1: Definition, Measures, Effects, Functions, and Antecedents. *Social and Personality Psychology Compass*, *5*(10), 807–823.
- Moskaleiko, S., & Heine, S. J. (2003). Watching Your Troubles Away: Television Viewing as a Stimulus for Subjective Self-Awareness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *29*(1), 76–85.

- Petersen, S., & Ritz, T. (2011). The role of fearful beliefs in the relationship between situational self-awareness and report of breathing-related sensations. *British Journal of Health Psychology, 16*(2), 359–372.
- Pryor, J. B., Gibbons, F. X., Wicklund, R. A., Fazio, R. H., & Hood, R. (1977). Self-focused attention and self-report validity. *Journal of Personality, 45*(4), 513–527.
- Scheier, M. F., Buss, A. H., & Buss, D. M. (1978). Self-consciousness, self-report of aggressiveness, and aggression. *Journal of Research in Personality, 12*(2), 133–140.
- Sedikides, C. (1992). Mood as a determinant of attentional focus. *Cognition & Emotion, 6*(2), 129–148.
- Silvia, P. J., & Duval, T. S. (2001). Objective Self-Awareness Theory: Recent Progress and Enduring Problems. *Personality and Social Psychology Review, 5*(3), 230–241.
- Silvia, P. J., & Eichstaedt, J. (2004). A self-novelty manipulation of self-focused attention for Internet and laboratory experiments. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers, 36*(2), 325–330.
- Silvia, P. J., & Gendolla, G. H. E. (2001). On introspection and self-perception: Does self-focused attention enable accurate self-knowledge? *Review of General Psychology, 5*(3), 241–269.
- Teixeira, M., & Gomes, W. B. (1996). Escala de autoconsciência revisada (EAC-R): características psicométricas numa amostra de adolescentes brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 48*(2), 78-92.
- Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the five-factor model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(2), 284–304.
- Wegner, D. M., & Giuliano, T. (1980). Arousal-induced attention to self. *Journal of Personality and Social Psychology, 38*(5), 719–726.
- Wicklund, R. A., & Gollwitzer, P. M. (1987). The Fallacy of the Private-Public Self-Focus Distinction. *Journal of Personality, 55*(3), 491–523.
- Wiekens, C. J., & Stapel, D. A. (2010). Self-Awareness and Saliency of Social Versus Individualistic Behavioral Standards. *Social Psychology, 41*(1), 10–19.
- Zanon, C., & Teixeira, M. A. P. (2006). Adaptação do questionário de ruminação e reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. *Interação em Psicologia, 10*(1), 75-82.

NOTAS DE CAMPO

Foram conduzidas duas coletas de dados após a adaptação da EACS e reunião de evidências de validade. O objetivo da aplicação das escalas nessas coletas foi testar a sensibilidade do instrumento às manipulações ambientais sobre autoconsciência situacional.

O primeiro destes estudos consistiu na aplicação da EACS, EAC-R e EAI em dois grupos de alunos universitários. O primeiro grupo, composto por 27 membros (70,4% mulheres) com idade média de 23 anos (DP=6,3), respondeu as escalas na presença de uma videocâmera, uma manipulação da autoconsciência situacional pública. O segundo grupo (controle), composto por 27 participantes (77,8% mulheres) com idade média de 24,2 anos (DP=11,4), respondeu às escalas sem a presença da videocâmera. Além disso, os participantes descreviam por escrito, após as respostas às escalas, o que “estavam pensando nesse exato momento”.

Constatou-se uma baixa compatibilidade da tarefa (preencher escalas) com a manipulação, visto que a tarefa desviava a atenção da manipulação, que era rapidamente esquecida. A manipulação não resultou em diferenças de média de nenhum dos subfatores da escala entre as duas condições.

A análise das respostas qualitativas compreendeu 54 descrições, das quais 39 estruturaram-se em dois padrões descritivos assim denominados: 1) “fluxo de pensamento”, envolvendo emoções, sentimentos e pensamentos relativos ao presente, momentaneamente vividos (n=19); 2) “prospecção”, compreendendo planos, perspectivas e preocupações com o futuro (n=20). Na análise de comparação dos escores de autoconsciência situacional entre esses dois grupos se obteve diferença para o subfator da autoconsciência situacional privada [$t(36) = 2,647, p < 0,05$]. O grupo de participantes que apresentou respostas do tipo “fluxo de pensamento” obteve uma média de ASpr superior (m=14,58, DP=3,65) ao grupo “prospecção” (m=11,58, DP=3,32).

O segundo teste de sensibilidade da EACS ocorreu em contexto experimental. A escala foi aplicada após a realização de um experimento de ilusão de agência (Sorensen, 2005). O experimento denominado *The Alien-Hand Experiment* (TAHE) tem como propósito avaliar a capacidade de auto-atribuição de movimentos manuais em uma tarefa de conflito sensorial (Nielsen, 1963). Na tarefa, os participantes são posicionados em frente a uma caixa onde recebem a instrução de riscar uma linha vertical pré-impressa em uma folha tamanho A4 inserida dentro da caixa (ver Figura 1.). Para realizar a tarefa os participantes devem inserir sua mão por uma abertura frontal da caixa e posicionar sua face em direção a um visor que possibilita a visualização do

interior da caixa. O TAHE possibilita duas visualizações ao interior da caixa, a primeira em que o participante efetivamente observa seu próprio movimento, e a segunda em que por meio do reflexo de um espelho inclinado 45° dentro da caixa o participante visualiza uma segunda mão (Alien-Hand) desempenhando a mesma ação que a sua própria ação. Participante e experimentador vestem uma luva idêntica com a finalidade de evitar o reconhecimento de características visuais da mão. A execução do experimento seguiu o protocolo operacionalizado por DeCastro e Gomes (2011). O tempo de exposição à própria mão ou ao reflexo da alien-hand foi controlado por meio de temporizador de lâmpada, o tempo convencional de exposição visual para ambas as condições foi de 250ms. Na condição de exposição à alien-hand o experimentador tinha duas instruções: a) tentativas em que copiava o movimento vertical desempenhado pelo participante, e b) tentativas em que propositalmente desviava da linha pré-impressa ao final do movimento de riscar a linha (ver Figura 2).

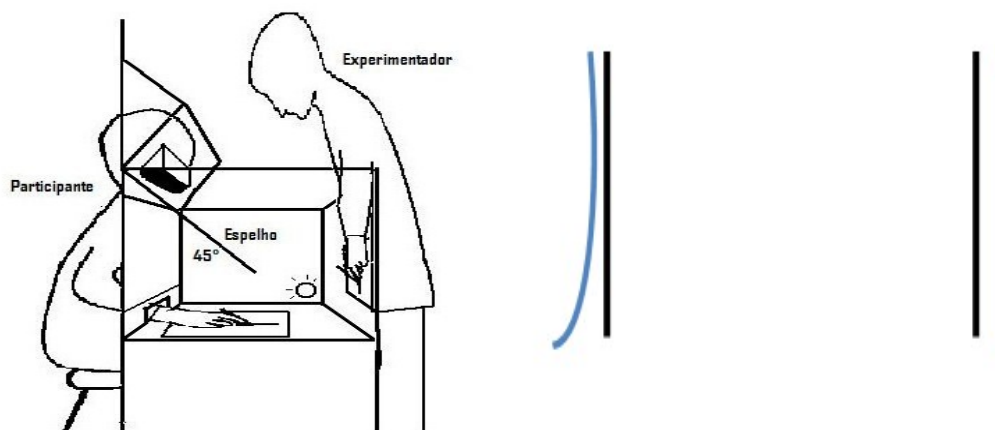


Figura 2 – The Alien-hand Experiment (DeCastro & Gomes, 2011; Nielsen, 1963) – Movimento divergente e movimento convergente.

Após cada tentativa no TAHE os participantes eram indagados se o desempenho que tinham visualizado era a sua própria mão ou não. Além disso, respondiam qual o seu grau de confiança sobre sua resposta de agência (Fui eu x Não fui eu). O grau de confiança variou entre 0 e 4, sendo zero nenhuma confiança sobre a própria afirmação e 4 totalmente confiante sobre a própria afirmação. Foram rodadas análises de correlação para testar a sensibilidade da EACS e o desempenho na tarefa. As análises de correlação (spearman rho) entre os subfatores da escala e as medidas de confiança e acerto dos

participantes evidenciaram que o instrumento foi sensível apenas às medidas de confiança na resposta à tarefa.

Obteve-se correlação positiva entre consciência situacional do ambiente (CSA) e o grau de confiança em acertos na condição de visualização divergente do movimento na tarefa ($r=.463$, $p<0,05$). Isso significa que nas situações em que o participante atribuiu com confiança e corretamente a fonte da ação ao outro seu índice de CSA era elevado. Por outro lado, na mesma condição de movimento divergente, aqueles participantes que confiaram que eram os causadores da própria ação quando efetivamente não eram (erro de atribuição de agência) correlacionaram positivamente com maiores níveis de autoconsciência situacional pública ($r=.585$, $p<0,01$). Esses resultados são interessantes, pois corroboram outros achados que indicam uma associação entre escores de autoconsciência e índices motivacionais em tarefas experimentais, mas nenhuma associação real com desempenho psicofísico (Silvia et al., 2011). O que pode sinalizar que os níveis de autoconsciência, medidos pelas escalas, correlacionam com engajamento em tarefa ou confiança no próprio desempenho, mas não necessariamente com a performance na tarefa em si.

Referências

- DeCastro, T. G. de, & Gomes, W. B. (2011). Autoconsciência e ambiguidade perceptual cinestésica: experimento fenomenológico. *Psicologia Em Estudo, 16*(2), 279–287.
- Nielsen, T. I. (1963). Volition: a new experimental approach. *Scandinavian Journal of Psychology, 4*(4), 225-230.
- Sorensen, J. B. (2005). The alien-hand experiment. *Phenomenology and Cognitive Science, 4*, 73-90.
- Silvia, P. J., Jones, H. C., Kelly, C. S., & Zibaie, A. (2011). Trait self-focused attention, task difficulty, and effort-related cardiovascular reactivity. *International Journal of Psychophysiology, 79*, 335-340.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão dos movimentos históricos das pesquisas na área da autoconsciência alerta-nos para os perigos de limitar-se a construtos demasiadamente estreitos. A operacionalização de um fenômeno enquanto variável visa tornar uma aproximação do olhar científico possível, mas não se deve deixar de compreender que recortes são feitos.

Embora o problema da autoconsciência tenha sido abordado por diversas metodologias, desde a filosofia até a investigação por métodos psicológicos científicos em suas diversas formas, uma compreensão integral do fenômeno ainda nos escapa. Isto sugere não só que ainda há que se amadurecer e aprofundar os conhecimentos sobre a autoconsciência, mas que talvez seja necessário lançar mão de métodos inovadores para dar conta de fenômeno tão complexo.

Empreender nesta tarefa não foi o objetivo deste trabalho, ao invés disso buscou-se indicar o problema e possivelmente instigar pesquisas nesse sentido. Mais concretamente a adaptação de uma ferramenta de pesquisa, a *Situational Self-Awareness Scale* para uso em adultos brasileiros e o exame de suas evidências de validade poderá ser útil para novos estudos na área.

Tendo sido a terceira adaptação desta escala em contexto cultural diverso do original, os resultados parecem apontar para uma estabilidade da estrutura trifatorial do instrumento. Na presente adaptação e na adaptação francesa, entretanto, a consistência interna dos fatores público e privado, respectivamente, foi aquém do esperado. O que pode indicar ou uma diferença cultural e linguística na compreensão dos itens ou uma fragilidade do instrumento em termos de replicação do construto avaliado.

Não obstante, a *SSAS* distingue-se das demais escalas de autorrelato da autoconsciência por: a) ter sido formulada em estreita articulação com a teoria da autoconsciência objetiva; b) é a única destas escalas a contemplar um fator de consciência externa, para o ambiente, em que o *self* é pré-reflexivo. E, por se tratar de uma escala de estado e não de predisposição individual (traço), pode se revelar útil no contexto experimental, seja no uso complementar de medidas implícitas e de desempenho ou na construção de novas medidas da autoconsciência.

Estudos iniciados para testar os efeitos de estímulos e situações sobre a autoconsciência situacional e a relação de relatos em primeira pessoa de experiências

subjetivas com estados de autoconsciência. A expectativa é de que estes estudos sejam concluídos, contribuindo com o avanço científico nessa área.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) senhor(a),

O objetivo dessa pesquisa é testar um novo instrumento de pesquisa de psicologia (um questionário sobre autoconsciência) e investigar a forma como as pessoas se percebem e prestam atenção em si mesmas.

Sua participação envolve responder a questionários on-line com questões objetivas que devem tomar aproximadamente 15 minutos do seu tempo. A participação nesse estudo é voluntária e, tendo aceitado participar, se você quiser desistir a qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo, basta informar seu desejo ao pesquisador.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida em rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que possam levar à sua identificação. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins científicos.

Este projeto não prevê qualquer tipo de gratificação, ajuda de custo ou ganho pessoal para os participantes. Sua participação contribuirá indiretamente para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Esse estudo transcorre sob a orientação do professor Dr. Thiago Gomes de Castro do Laboratório de Fenomenologia, Ação e percepção (LaFAP) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

Quaisquer pedidos de esclarecimentos relativos à pesquisa poderão ser encaminhados ao pesquisador através do fone (53) 84259658 ou e-mail danielechevarria@unipampa.edu.br, ao professor orientador no laboratório suprarreferido ou com o Comitê de Ética em pesquisa da PUCRS (CEP PUCRS) conforme detalhes que seguem:

CEP PUCRS:

Contato: Av. Ipiranga 6681, Prédio 40 - Sala 505 Porto Alegre/RS - Brasil - CEP: 90619-900 Fone/Fax: (51) 3320.3345 e-mail: cep@pucrs.br	Horário de Atendimento: De segunda a sexta-feira Manhã: 8h30min às 12h Tarde: 13h30min às 17h - Atendimento pelo telefone (51) 3320.3345
---	---

Atenciosamente,



Daniel Rodrigues Echevarria
Pesquisador, Mestrando da PUCRS
Matrícula 14190993-7



Prof. Dr. Thiago Gomes de Castro
Orientador
Matrícula 10085137

Consinto em participar dessa pesquisa,

Assinatura do Participante

Porto Alegre/RS, 2015.

Escala de Autoconsciência Revisada (EAC-R)

Aplicação via Qualtrics®

Avalie o quanto cada item corresponde a uma característica sua, selecionando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave de respostas apresentada. Responda rapidamente, sem parar muito tempo em cada questão, e não compare as respostas de uma questão com outra. Lembre-se: não existem respostas certas ou erradas, elas apenas refletem a sua opinião.

CHAVE DE RESPOSTAS:

- 0 = nada característico
- 1 = pouco característico
- 2 = mais ou menos característico
- 3 = bastante característico
- 4 = extremamente característico

	0	1	2	3	4
Eu estou sempre tentando me entender	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me preocupo com meu estilo de fazer as coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu levo tempo para vencer minha timidez em situações novas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu penso muito sobre mim mesmo(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me preocupo com a maneira como me apresento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu frequentemente "sonho acordado(a)" comigo mesmo(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É difícil para mim trabalhar quando há alguém me olhando	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu nunca me analiso ou me questiono	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu fico encabulado(a) muito facilmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu tenho consciência do meu aspecto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para mim é fácil falar com desconhecidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu geralmente estou atento aos meus sentimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu geralmente me preocupo em causar uma boa impressão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu constantemente penso sobre as razões das minhas ações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu fico nervoso(a) quando tenho que falar na frente de um grupo de pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Antes de sair de casa eu verifico como está minha aparência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em algumas ocasiões eu tomo distância (mentalmente), para poder me analisar de forma objetiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me preocupo com o que os outros pensam de mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu me dou conta rapidamente das minhas mudanças de humor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu geralmente estou consciente da minha aparência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu consigo me dar conta do modo como minha mente trabalha quando estou resolvendo um problema	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grandes grupos de pessoas me deixam nervoso(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Escala de Autorreflexão e Insight (EAI)

Aplicação via Qualtrics®

Avalie o quanto cada item corresponde a uma característica sua, selecionando o número que melhor representa sua opinião, de acordo com a chave de respostas apresentada. Responda rapidamente, sem parar muito tempo em cada questão, e não compare as respostas de uma questão com outra. Lembre-se: não existem respostas certas ou erradas, elas apenas refletem a sua opinião.

0	1	2	3	4
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

	0	1	2	3	4
Eu não penso muito frequentemente em meus pensamentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu raramente despendo tempo na reflexão sobre mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu frequentemente examino meus sentimentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu realmente não penso sobre o porquê eu me comporto da forma com que me comporto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu frequentemente reservo um tempo para refletir sobre meus pensamentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu frequentemente penso sobre como me sinto sobre as coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu realmente não estou interessado em analisar meu comportamento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante para mim avaliar as coisas que eu faço.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu sou muito interessado em examinar o que eu penso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante para mim tentar entender o que significam meus sentimentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu definitivamente tenho uma necessidade em entender a forma como minha mente funciona.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante para mim estar apto a entender como meus pensamentos surgem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu normalmente estou ciente de meus pensamentos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu frequentemente estou confuso sobre o modo como realmente me sinto sobre as coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu normalmente tenho uma idéia bem clara sobre por que tenho me comportado de uma certa maneira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frequentemente eu estou ciente de que estou tendo um sentimento, mas não sei bem o que é.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Meu comportamento frequentemente me desafia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensar sobre meus pensamentos me deixa ainda mais confuso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frequenemente eu acho difícil compreender a forma com que me sinto sobre as coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu normalmente sei por que me sinto da forma com que me sinto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

>>

Escala de Autoconsciência Situacional (EACS)

Aplicação via Qualtrics®

Instruções:

Por favor, responda a cada afirmativa baseado em como você se sente **NESSE MOMENTO, NESSE INSTANTE** - não em como você se sente em geral, ou nesse ponto da sua vida. Selecione o número que melhor corresponde à sua resposta. Não há respostas "certas" ou "erradas", apenas seja honesto.

Legenda:

- 1 - Discordo fortemente.
- 2 - Discordo moderadamente.
- 3 - Discordo levemente.
- 4 - Não concordo nem discordo.
- 5 - Concordo levemente.
- 6 - Concordo moderadamente.
- 7 - Concordo fortemente.

	1	2	3	4	5	6	7
Nesse instante eu estou nitidamente consciente de tudo em meu ambiente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou consciente dos meus sentimentos internos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou preocupado com o modo como me apresento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou autoconsciente sobre minha aparência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou consciente do que está acontecendo ao meu redor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou reflexivo sobre a minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou preocupado com o que as outras pessoas pensam de mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou consciente dos meus pensamentos mais profundos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nesse instante eu estou consciente de todos os objetos ao meu redor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

>>

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Autoconsciência Disposicional e Situacional: Relações Experimentais e Experienciais

Pesquisador: Thiago Gomes de Castro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44463215.8.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.075.749

Data da Relatoria: 28/05/2015

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de mestrado para a obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS. Bem elaborado. Apresenta-se claro e bem elaborado. N= 180

Objetivo da Pesquisa:

O projeto de pesquisa visa validar a Situational Self-Awareness Scale para uso nacional e investigar as relações entre autoconsciência disposicional e situacional em uma situação de manipulação experimental da autoconsciência (presença de auto-filmagem), e observar a interação entre os níveis de autoconsciência e presença de auto-filmagem com descritores experienciais produzidos na tarefa experimental descritiva.

Objetivo Secundário:

Estudo 1:1. Tradução e adaptação a SSAS para o português;

2. Validação fatorial exploratória da escala adaptada.

3. Conduzir análises de validade divergente e convergente entre a SSAS duas escalas de autoconsciência validadas para o Brasil e seus subfatores.

Estudo 2:1. Medir a autoconsciência disposicional e situacional dos participantes;

2. Mensurar as correlações entre ACD pública e privada e ACS pública e privada;

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

Continuação do Parecer: 1.075.749

3. Avaliar o efeito da manipulação experimental na ACS pública e privada;
4. Avaliar a interação de diferentes perfis de ACD e da manipulação experimental na variação da ACS;
5. Descrever os padrões de conteúdo autodescritivo dos participantes durante o experimento;
6. Avaliar a correlação entre padrões autodescritivos, perfis de ACD e condição experimental.
7. Avaliar a sensibilidade estatística do instrumento EACS para captar a interferência de manipulações de autofoco em estados momentâneos de autoconsciência (ACS).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Risco mínimo. Pesquisa envolve preenchimento de questionário de autorrelato on-line e, em uma segunda fase, para alguns dos participantes, comparecimento ao laboratório onde responderão a perguntas hipotéticas abertas de caráter autorreflexivo tendo suas respostas gravadas para análise posterior enquanto visualizam (ou não, no caso do grupo controle) a própria imagem no programa de computador Skype. As tarefas e

tecnologias aos quais os participantes serão expostos são típicas da vida cotidiana da maioria das temas a Escala de Autoconsciência Situacional (EAS), de Nascimento (2008). Embora homônima com a SSAS, a escala de Nascimento não é a adaptação e validação da escala de Govern e Marsch (2001). Essa escala foi construída com o intuito de investigar as teorias de Morrin (2006) sobre autoconsciência e mediação icônica. Sua estrutura trifatorial é composta pelos fatores de reflexão, ruminação (semelhante ao QRR) e mediação icônica. Trata-se de uma escala nova, e não da adaptação de escalas estrangeiras. Atualmente, é a única escala de autoconsciência

situacional validada para a população brasileira de que temos conhecimento. Entretanto, devido à sua estrutura e base teórica única, seus resultados não são facilmente comparáveis com as demais escalas situacionais e disposicionais, Nascimento (2008) validou, inclusive, uma escala própria de autoconsciência disposicional (a EAD). Embora haja debate a respeito das diferenças entre autoconsciência disposicional, situacional e seus subfatores, encontramos poucos autores se debruçando sobre as relações entre esses dois construtos, sendo Wiekens e Stapel (2010) uma exceção importante. Esses autores encontraram correlações significativas entre os construtos da autoconsciência disposicional pública e privada e seus correspondentes situacionais. Além disso, descobriram que as manipulações da autoconsciência situacional tinham maior efeito quando a autoconsciência disposicional era baixa. Seria relevante verificar essa interação entre ambos os tipos de autoconsciência e as manipulações experimentais da autoconsciência. Investigar tais relações representa um desafio no cenário nacional, entretanto. Atualmente, com exceção do

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

Continuação do Parecer: 1.075.749

instrumento de Nascimento (2008), não se dispõe de medidas de autoconsciência situacional para uso em nossa população. Sugerimos que a SSAS de Govern e Marsch (2001), por sua estrutura análoga à EAC (Fenigstein et al., 1975) e EAC-R (Scheier e Carver, 1985) representaria uma contribuição importante para o campo de pesquisa da autoconsciência no Brasil. Um instrumento de autoconsciência situacional seria, também, a ferramenta mais adequada para a correlação com testes de medidas implícitas de autoconsciência para uso em contextos experimentais. O desenvolvimento de medidas implícitas é uma necessidade do campo já apontada por autores recentes (Wiekens e Stapel, 2010). Propõe-se para a presente investigação a realização dois estudos. Inicialmente pretende-se adaptar e validar a SSAS de Govern e Marsch (2001) para uso em pesquisas nacionais (Estudo 1). Na sequência, investigaremos as relações entre ACD, ACS e a presença de auto-filmagem (filmagem do próprio sujeito feita e exposta em tempo real) como manipuladora da ACS tanto do ponto de vista experimental clássico, através do exame das relações

estatísticas entre essas variáveis, como do ponto de vista experiencial, observando como os diferentes grupos experimentais articulam suas autodescrições, e se essas falas possuem relações com as variáveis recém mencionadas (Estudo 2).

Tamanho da Amostra no Brasil: 180 pessoas e não devem produzir níveis de ansiedade relevantes. O bem estar dos participantes será monitorado pelo pesquisador e assistentes durante a realização das tarefas laboratoriais e se buscará promover um ambiente acolhedor. Em caso da participação na pesquisa gerar mal-estar

ou mobilização de conteúdos emocionais o pesquisador fará acolhimento e apresentará a opção de encaminhamento para psicoterapia no Serviço de Assistência Psicológica (SAP) da PUCRS.

Benefícios:

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa básica e não aplicada ou clínica, não se prevê benefícios imediatos e individuais para os participantes.

Entretanto os resultados da pesquisa podem instrumentalizar uma compreensão pormenorizada dos processos cognitivos associados à autorreflexão e à comunicação on-line.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esse projeto propõe a investigação das relações entre autoconsciência disposicional, autoconsciência situacional, exposição à própria imagem em tempo real e a autodescrição dos participantes. Os autores fazem uma revisão dos diferentes modelos e medidas de autoconsciência disposicional e situacional desde os primeiros estudos experimentais na psicologia da

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

Continuação do Parecer: 1.075.749

personalidade e na psicologia social experimental nos anos 1970. Pesquisas anteriores e atuais são revisadas, revelando a relevância teórica e social de maiores investigações desse tema. É proposta a adaptação e validação de uma escala de autoconsciência situacional (Estudo 1). O estudo 2 consiste em um experimento 3x2, em que sujeitos com perfis específicos de autoconsciência disposicional (ACD privada alta, ACD pública alta, ACD médio-baixa) desempenham uma tarefa autodescritiva falada enquanto expostos ou não expostos (controle) à própria imagem filmada e visualizada em tempo real. Dois níveis de análise são propostos: análise estatística das correlações entre as variáveis, utilizando escalas de autoconsciência disposicional e a escala de autoconsciência situacional validada; e análise qualitativa das autodescrições gravadas, nas quais padrões e relações com as variáveis estudadas talvez possam ser observadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE, ok;
- Carta do chefe de serviço, ok;
- Folha de rosto, ok;
- Orçamento, ok;
- SIPESQ - 6234 - Autoconsciência Disposicional e Situacional: Relações Experimentais e Experienciais.
- CC da Psicologia, ok;
- Cronograma, ok;
- Lattes, ok;

Recomendações:

Não há recomendações a fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.075.749

PORTO ALEGRE, 25 de Maio de 2015

Assinado por:
Rodolfo Herberto Schneider
(Coordenador)

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 40, sala 505

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br



Daniel Echevarria <gudiomen@gmail.com>

Fwd: [Psico-USF] Agradecimento pela Submissão

1 message

Thiago Gomes de Castro <thiago.cast@gmail.com>

1 December 2015 at 14:33

To: Daniel Echevarria <danielechevarria@unipampa.edu.br>

----- Mensagem encaminhada -----

De: **Ana Paula Porto Noronha** <noreply.ojs@scielo.org>

Data: 1 de dezembro de 2015 14:33

Assunto: [Psico-USF] Agradecimento pela Submissão

Para: "Dr. Thiago Gomes DeCastro" <thiago.cast@gmail.com>

Dr. Thiago Gomes DeCastro,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "ADAPTAÇÃO DA SITUATIONAL SELF-AWARENESS SCALE EM ADULTOS BRASILEIROS" para Psico-USF. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:

<http://submission.scielo.br/index.php/pusf/author/submission/157228>

Login: thiago_castro

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Ana Paula Porto Noronha

Psico-USF

Psico-USF<http://submission.scielo.br/index.php/pusf>

--

Prof. Dr. Thiago Gomes de Castro
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 11 - Sala 938
90619-900 Porto Alegre - RS
Brazil

Fone/Fax [+55 51 3353-7744](tel:+555133537744)